

CONFESSO

A AUTOBIOGRAFIA

ROB HALFORD

COM IAN GITTINS

TRADUÇÃO
PAULO ALVES

Belas Letras

Título original: Confess: The Autobiography
Copyright © 2020 Rob Halford
Todos os direitos reservados

Publicado mediante acordo com Hachette Book Group, Inc.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (publisher), Marcelo Viegas (edição), Celso Orlandin Jr. (diagramação e projeto gráfico), Paulo Alves (tradução), Jaqueline Kanashiro (revisão), EM&EN (design de capa) e Larry Rostant (fotos da capa).
Obrigado, amigos.

Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

Nota do editor: ao longo da narrativa, o leitor encontrará dois tipos diferentes de notas: as notas do próprio autor, identificadas com letras; e as notas do tradutor, numeradas.

ISBN: 978-65-5537-071-3

2021

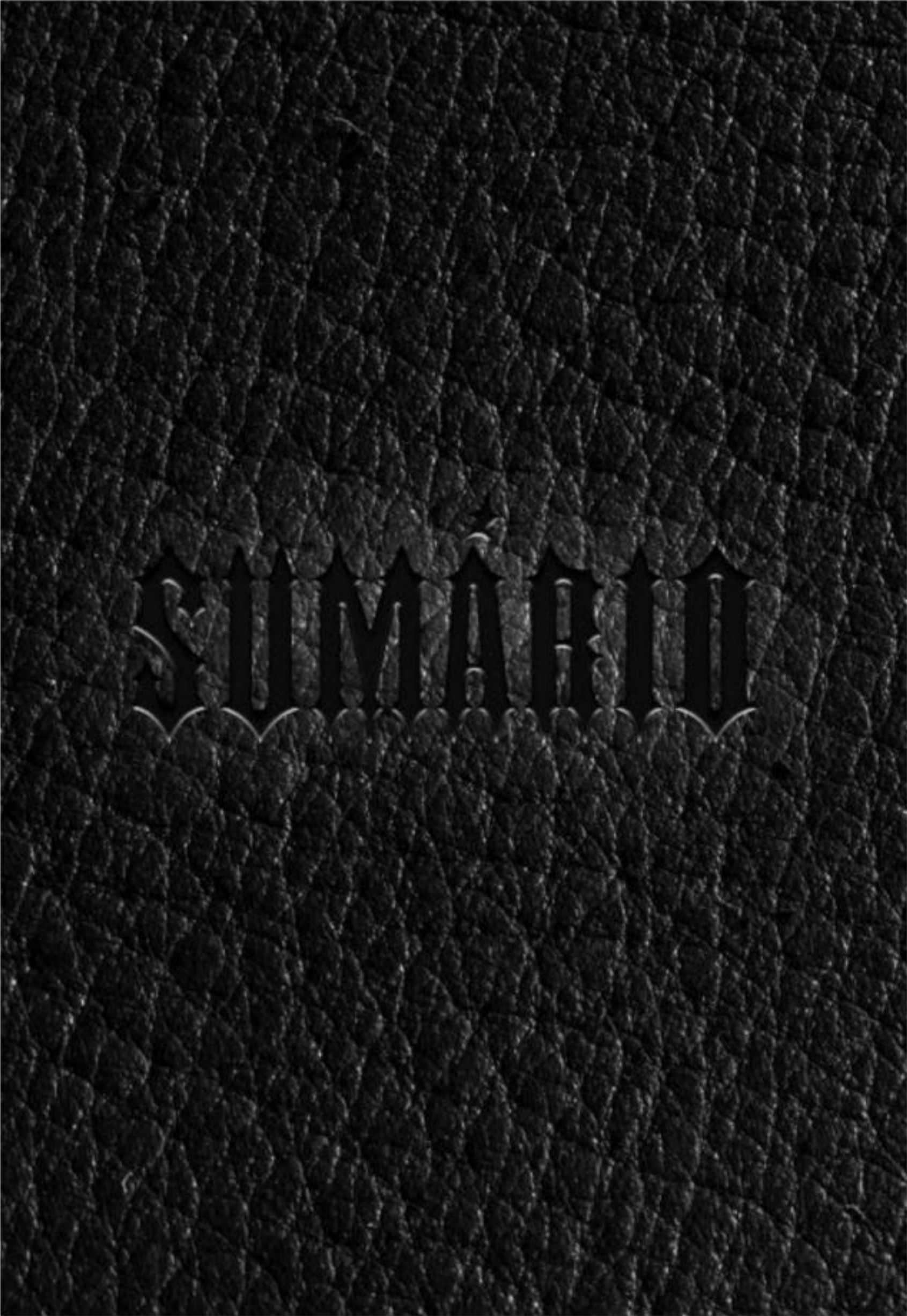
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Belas Letras Ltda.
Rua Coronel Camisão, 167
CEP 95020-420 – Caxias do Sul – RS
www.belasletras.com.br

AVISO LEGAL

Fui totalmente franco neste livro de memórias.

Esta é a minha mais absoluta verdade, porém, não cabe a mim insistir que outras pessoas desnudem suas almas de maneira tão livre.

Em *Confesso*, alguns nomes e outros detalhes identificadores foram mudados – para proteger os inocentes e os culpados.



Introdução – Estou sufocando!

1. Rápido, barquinho...
2. Uma mãozinha aos amigos
3. Seis *barley wines* e um Mogadon
4. Entrando para o sacerdócio
5. Nem míseros cinco contos!
6. O Super-Homem num casaco de pele
7. Os anos de couro de Shirley Bassey
8. O chicote estrala para Marie Osmond
9. Glória, glória, *glory hole*
10. Quando eu chegar a Phoenix...
11. Adoro um homem de uniforme
12. Senhoras e senhores, sentem-se, por favor!
13. É ele. Isso é amor!
14. Na corte do Rei da Filadélfia
15. O cheiro de pólvora
16. Quem nos dera ter essa sorte! (Sorte, sorte, sorte...)
17. Eu – eu – eu bem que pedi uma pastilha!
18. Em boca fechada não entra mosquito
19. Batendo na porta de Sharon Tate
20. A rainha e eu
21. Primeiro de abril, só que não
22. O fogo e o poder do heavy metal

Epílogo – Berrando feito louco para sempre

Bênçãos do Metal

Créditos das músicas

Caderno de imagens

Introdução

Estou sufocando!

São 8h30 da manhã de um dia de semana, no início dos anos 1960. Hora de ir para a escola. Digo “*ta-ra*”¹ para a minha mãe e saio pela porta da frente. Passado o portão, pego a esquerda, vou até o fim da rua, viro à esquerda na Darwin Road. Sigo um pouco por ela, pego a direita, respiro fundo... e cruzo o canal.

À margem do canal – ou do “corte”, como dizemos em Walsall –, havia uma metalúrgica imensa chamada G. & R. Thomas Ltd. Era o tipo de fábrica infernal que dera ao Black Country² esse nome durante a Revolução Industrial: uma vala barulhenta, arfante e fedida, onde a maioria dos rapazes de Walsall passava os dias trabalhando.

Durante a minha infância, eram estrondos, zunidos e fedor 24h por dia. Demoraria muito, e custaria muito, fechar aquelas caldeiras enormes para depois acendê-las de novo, então a fábrica nunca parava. E a imundície e o veneno que ela arrotava eram inacreditáveis.

Metalúrgicas como a G. & R. Thomas Ltd. moldavam e dominavam o lugar onde eu vivia – e *como* eu vivia. Na minha casa, minha mãe pendurava os lençóis brancos no varal depois de lavá-los,

e os recolhia manchados de fuligem cinzenta e preta. Na escola, eu me sentava e tentava escrever numa carteira que vibrava ao ritmo da prensa industrial gigante na fábrica do outro lado da rua:

THUNK! THUNK! THUNK!

Às vezes, no caminho da escola, eu via as silhuetas dos operários da G. & R. Thomas esvaziarem o caldeirão gigante da caldeira no poço de areia. O metal derretido escorria como lava e imediatamente se solidificava em chapas enormes de ferro-gusa.

Ferro-gusa. O nome parecia resumir a feiura daquilo.

Passar pela indústria todos os dias no caminho para a escola era um teste de resistência a que eu nem sempre tinha certeza de que iria sobreviver. A fumaça sufocante que emanava da fábrica e passava por cima do corte era incrivelmente tóxica. Se o vento soprasse na direção errada, e parecia ser sempre esse o caso, fragmentos de cascalho trazidos pela fumaça entravam no seu olho e ficavam lá por dias. Doía pra caralho.

Sempre disse que pude sentir o cheiro e o sabor do heavy metal antes mesmo da música ser inventada...

Assim, eu respirava fundo, apertava minha mochila bem firme contra as costas e corria pela ponte o mais rápido o possível. Nos piores dias, quando a névoa tóxica e a poluição eram tão espessas que parecia ser possível cortá-las, meu cérebro entrava em pânico e se rebelava contra aquele suplício:

Estou sufocando!

De algum modo, eu nunca *de fato* me sufocava, e sempre chegava ao outro lado, ainda que tossindo e cuspiendo. E então repetia a coisa toda à tarde, quando voltava para casa. Estava acostumado. Era essa a vida no Black Country.

Houve muitas outras vezes na vida em que pensei: *estou sufocando*. Anos claustrofóbicos, de desespero – tantos anos! –, em que me senti aprisionado: o vocalista de uma das maiores bandas de

heavy metal do planeta e, ainda assim, com medo de dizer ao mundo que eu era gay. Passava noites em claro, preocupado e me perguntando:

O que aconteceria se eu assumisse?

Nós perderíamos todos os fãs?

Seria o fim do Judas Priest?

Esse medo e essa angústia me levaram a alguns lugares muito obscuros. Era difícil respirar afundado no poço de merda do alcoolismo e do vício. Era difícil respirar quando eu saltava feito uma bolinha de *pinball* entre relações fadadas ao fracasso com homens que nem sequer compartilhavam da minha sexualidade. E foi mais difícil do que nunca no dia em que um amante perturbado me deu um abraço de despedida... minutos antes de apontar uma arma para a própria cabeça. E puxar o gatilho.

Quando você está sufocando, vai acabar *assim* se não tomar cuidado, e foi o que quase aconteceu comigo: meu estilo de vida autodestrutivo quase me matou. Até tentei eu mesmo fazer isso. No entanto, sobrevivi. Cheguei ao outro lado. Respirei fundo e atravessei a ponte até o outro lado do corte.

Hoje, estou limpo, sóbrio, apaixonado, feliz... e destemido. Vivo uma vida honesta, e isso significa que nada nem ninguém pode mais me machucar. Sou uma versão roqueira de um dos meus primeiros e secretos heróis: Quentin Crisp (que aparecerá mais adiante neste relato). *Sou a bicha imponente do heavy metal.*

Pensei num título perfeito para estas memórias: *Confesso*. Mais apropriado, impossível. Porque, acreditem, este padre corrompido pecou, pecou e pecou de novo, mas agora é hora de confessar esses pecados... e talvez até receber a bênção de vocês.

Portanto, oremos.

Confesso é a história de como aprendi a respirar de novo.

1 *Expressão de despedida popular na região do Black Country, no País de Gales e ao norte da Inglaterra, semelhante a um “tchau-tchau”. (N. do T.)*

2 *Região nas West Midlands, na Inglaterra, a oeste de Birmingham, que compreende os distritos de Dudley, Sandwell, Wolverhampton e Walsall. (N. do T.)*

1

Rápido, barquinho...

No princípio, havia o Beechdale.

E era bom.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o povo britânico agradeceu aos esforços de Winston Churchill com um chute na bunda dele e a eleição de um governo trabalhista, que rapidamente estabeleceu um programa amplamente socialista para a construção de centenas de milhares de novas casas, de propriedade pública, para compensar a falta de moradia do Pós-Guerra.

Sob o comando do novo primeiro-ministro, Clement Attlee, e do ministro da Saúde, Aneurin Bevan, novos conjuntos habitacionais surgiram por todo o país para substituir as casas bombardeadas durante a guerra e para dar às famílias da classe trabalhadora britânica um lugar para morar. Um desses conjuntos foi o Gypsy Lane Estate, em Walsall, que logo foi rebatizado de Beechdale.

A 15 minutos a pé do centro de Walsall e a 15 km ao norte de Birmingham, o Beechdale foi construído do zero, novo em folha, numa terra industrial devastada no início dos anos 1950. Nas duas

primeiras décadas da minha vida, foi o meu cadinho; o centro do meu mundo, das minhas esperanças, dos meus sonhos, dos meus medos, dos meus triunfos e das minhas derrotas. Porém, curiosamente, não foi lá que nasci.

Depois que meus pais, Joan e Barry Halford, se casaram, em março de 1950, moraram com meus avós maternos em Birchills, Walsall. A casa era minúscula, então, quando minha mãe ficou grávida de mim, ela e meu pai se mudaram para a casa da irmã dela, Gladys. Gladys e o marido, Jack, moravam em Sutton Coldfield, no caminho para Brum (como nós do Black Country chamamos Birmingham).

Nasci em 25 de agosto de 1951 e fui batizado Robert John Arthur Halford. Arthur era um nome que tinha história na família: era o nome do meio do meu pai e o primeiro nome do meu avô (cujo nome do meio era Flavel; fico feliz por não ter herdado esse!).

Minha irmã, Sue, chegou um ano depois, e meus pais ganharam uma casa do governo na Lichfield Road, em Walsall. Depois, em 1953, minha família se estabeleceu no número 38 da Kelvin Road, no Beechdale.

As casas geminadas e robustas de tijolos vermelhos do Beechdale eram simples, como tendem a ser nos conjuntos habitacionais britânicos, mas, como muitas das moradias da era Bevan, havia um certo idealismo por trás delas. Eram maiores do que o tamanho mínimo estipulado pela legislação e até contavam com jardins na frente e nos fundos.

O Conselho de Walsall sem dúvida imaginara essas casas com gramados bonitos e flores no jardim... mas as coisas não saíram bem assim. Nos anos do Pós-Guerra, ainda havia racionamento de comida, então as famílias do Beechdale usavam seus espaços externos para plantar batatas, legumes e verduras. Basicamente, havia hortas na frente das casas.

Ainda consigo visualizar exatamente a disposição na casa de número 38 da Kelvin Road. No térreo, havia uma sala de estar, uma cozinha e um quartinho. No andar de cima, um lavabo, um banheiro minúsculo, o quarto dos meus pais, um depósito e o quarto que Sue e eu compartilhávamos. Minha cama ficava ao lado da janela.

O Beechdale tinha um ar de boa vizinhança e um verdadeiro espírito comunitário. Os moradores sempre visitavam uns aos outros. Algumas dessas pessoas achavam que era duro viver no conjunto, mas eu não. Minha mãe^a me dizia para manter distância de certas ruas – “Não importa o que aconteça, não vá por ali!” –, mas o máximo que vi foram umas geladeiras velhas enferrujadas em alguns jardins. Não dava para dizer que era barra-pesada.

Assim como todos os proletários do Black Country, meu pai trabalhava nas fábricas de aço. Começou como engenheiro numa firma chamada Helliwells, que fabricava peças para aviões e ficava situada no aeródromo de Walsall – que há muito tempo não existe mais.

O trabalho combinava com meu pai, que sempre foi apaixonado por aviões. Ele foi reserva da RAF e, quando sua convocação chegou, ficou ansioso para ser chamado para a Força Aérea. Em vez disso, o colocaram no Exército e ele passou a Segunda Guerra Mundial na planície de Salisbury.

Peguei do meu pai a paixão por aviões e nós construíamos aeromodelos Airfix juntos – Flying Fortresses, Spitfires, Hurricanes. Ele me levava até o aeródromo para ver os planadores decolarem, e fomos uma ou duas vezes a Londres, para ver os aviões no aeroporto de Heathrow. Isso era empolgante.

Depois da Helliwells, meu pai foi trabalhar numa fábrica de tubos de aço. Quando um colega pediu demissão para abrir uma nova companhia, a Tube Fabs, meu pai se juntou a ele. Deixou o batente para se tornar comprador, e nós paramos de plantar batatas no

jardim para cultivar um gramado bonitinho, com uma passagem no meio. Também compramos um carro. Isso nos dava uma sensação muito especial. Era só um Ford Prefect, nada chamativo, mas, por algum motivo, parecia que nosso *status* havia melhorado. Eu adorava ser levado de carro até os lugares, em vez de pegar o ônibus toda vez.

Minha mãe ficava em casa quando Sue e eu éramos crianças, como era comum às mulheres naquela época, fazia faxina todos os dias e mantinha a casa impecável. Acreditava piamente que “a limpeza nos aproximava de Deus”. A qualquer hora do dia ou da noite, nossa casa parecia um imóvel-modelo, de visitação de imobiliária.

Tínhamos um aquecedor a carvão, e minha mãe sempre reclamava com um dos nossos parentes distantes, Jack, quando ele entregava os grandes sacos de carvão. Da janela, eu observava enquanto ele tirava o saco da caminhonete e, coberto de fuligem, passava pelo nosso portão e pela moto do meu pai para deixá-lo no depósito.

“Não faz muito pó, Jack!”, minha mãe o repreendia.

“É carvão, querida!”, ria Jack. “O que você esperava?”

O futuro chegou à nossa casa na forma de um aquecedor de imersão. Para economizar, minha mãe só nos deixava colocá-lo na banheira por quinze minutos antes do banho, então nos sentávamos em alguns centímetros de água morna. Ou todas as luzes da casa se desligavam, porque nos esquecíamos de colocar moedas no medidor de gás.

Meus pais colocavam centavos na caixa do medidor, na sala. A caixa era tão gelada, que minha mãe deixava gelatina lá para solidificar. Quando o fiscal vinha para esvaziar o medidor, sempre sobravam uns cinco ou seis centavos. Com sorte, minha mãe dava um ou dois para mim e Sue.

Nas noites de inverno, o número 38 da Kelvin Road era como a Sibéria. Eu me enterrava sob os cobertores e observava o gelo se formar na face interior das janelas. O chão do nosso quarto era de linóleo. Para usar o lavabo à noite, eu tinha de sair disparado pelo piso congelante.

O lavabo era minúsculo, com espaço suficiente só para nos sentarmos na privada, com os joelhos tocando as duas paredes laterais. Meu pai fumava muito, entrava lá com o jornal e lá ficava sentado por 1 hora, baforando.

Minha mãe sempre o alertava antes de entrar: “Oi! Não esqueça de abrir a janela!”. No inverno, ele nunca abria. Depois que ele saía, tínhamos de esperar pelo menos cinco minutos até a fumaça do cigarro se dissipar. *A fumaça e o resto.*

Meu pai colocava o pagamento na mesa toda noite de sexta-feira e minha mãe cuidava das finanças. As refeições eram simples: carne e dois legumes; *fish and chips* da barraquinha ou da van, que passava pelo conjunto toda sexta; e uma iguaria local saborosa, almôndegas com ervilha.

Chegou a hora de começar a escola. Fiquei com muito medo ao caminhar até a Beechdale Infant School naquele primeiro dia de aula, segurando a mão da minha mãe enquanto pisoteávamos a lama, já que parte do conjunto ainda estava sendo construída. A escola ficava a dois quarteirões de casa, que mais pareciam 100 km.

O horror, o horror! Quando chegamos lá e minha mãe me abraçou no parquinho, se despediu de mim com aquele curioso adeus típico do Black Country – “*Ta-ra, tchauzinho, Rob!*” – e foi embora... fiquei desesperado. *Fui abandonado!* Urrei e me esgoelei (o que as crianças em Walsall chamam de chorar).

Meus primeiros dias na escola foram traumáticos, mas então me afeiciei por uma professora muito glamourosa que, aos meus olhos

de 5 anos de idade, parecia uma estrela de cinema. Agarrava-me à saia dela toda manhã. *Se esta dama está aqui, então a escola é legal!*

Essa professora foi uma aparição, uma salva-vidas e um anjo para mim. Se eu ao menos me lembrasse do nome dela! Na verdade, não consigo me lembrar de muita coisa da pré-escola, exceto aquele terror inicial – e a agonia de participar da peça teatral do nascimento de Jesus.

O Natal foi chegando, como costuma acontecer, e eu fui escalado para interpretar um dos Três Reis Magos. Ainda me lembro da minha fala: “Vimos sua estrela no Oriente!”. O problema foi que, como todos os bons reis, eu tive de usar uma coroa.

A minha era feita de papelão e presa por um grampo que espetava minha cabeça. Assim que a professora colocou a coroa em mim, senti o grampo cravando um buraco no meu crânio. Não parava de tentar ajeitá-la, e a professora só perdia a paciência comigo.

“Robert Halford, pare de mexer na coroa!”

“Mas, senhora, machuca muito! Ai!”

“Já, já para de machucar!”

Não parou. Durante toda a nossa versão infantil do milagre do nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, aquele grampo maldito ficou enterrado no meu crânio até minha cabeça latejar.

Nunca conheci os pais da minha mãe, pois eles morreram quando eu era bem novo, mas eu venerava meus avós paternos, Arthur e Cissy, e passava muitos fins de semana na casa deles, a uns 3 km da nossa. Meu pai me deixava lá na sexta à noite e me buscava no domingo à tarde.

O lavabo deles ficava do lado de fora, então ir até lá à noite era pior ainda do que na nossa casa. Eu me preparava mentalmente para abrir a porta da cozinha e correr no escuro até a casinha de tijolos no

jardim dos fundos. No inverno, o assento ficava tão gélido, que eu pensava que ia ficar grudado nele.

Além disso, meu avô não acreditava na utilidade do papel higiênico. “Não precisamos gastar dinheiro com isso!”, dizia. “Jornal funciona tão bem quanto! Era o que usávamos na guerra!” Lá estava eu, com 7 anos de idade, no meio do jardim, rangendo os dentes de frio naquele breu, limpando a bunda com o *Walsall Express & Star*.

Vovó e vovô contavam histórias brilhantes. Contaram-me como correram até o abrigo antiaéreo durante a guerra, olhando para os aviões nazistas no céu noturno, prestes a bombardear Coventry. Consigo imaginar as cadernetas de racionamento de leite e açúcar deles, com capas de papel pardo, meio alaranjado, meio marrom, tipo cartelas de rifa.

Vovô combateu por um tempo em Somme, na França, na Primeira Guerra Mundial, mas, assim como a maioria dos homens que sobreviveram àquele inferno, nunca falava a respeito. Porém, certo dia, fuçando pela casa deles, fiz uma descoberta incrível.

Minha avó costumava fazer uma caminha para mim no quarto deles, juntando duas cadeiras e colocando alguns travesseiros sobre elas. Era a cama mais confortável do mundo. Ao lado dela, ficava um pequeno closet com uma cortina, e um dia abri essa cortina e encontrei um baú.

Curioso, abri o baú... e descobri que ele estava cheio de objetos da Primeira Guerra. Uma pistola Luger, uma máscara de gás e uma porção de insígnias de fardas alemãs. O mais incrível era um velho e autêntico capacete à la general Kitchener, com um rebite em cima.

Coloquei o capacete e fui atrás de vovó e vovô, com a minha cabecinha balançando debaixo do peso da peça. “O que é isso, vovô?”, perguntei. Ao me ver, de início ele ficou irritado e gritou para que eu tirasse aquilo... mas meus avós nunca ficavam bravos comigo por muito tempo.

Em todo caso, eu estava cada vez mais afeito a passar os fins de semana com eles – porque, em casa, meus pais andavam brigando feio.

Nunca discutiam na nossa frente, mas, quando Sue e eu íamos dormir, as brigas começavam. Os dois gritavam e soltavam os cachorros. Sue e eu nunca soubemos o motivo das discussões, mas, deitados na cama, fazíamos caretas ao ouvi-las.

Quando elas se intensificavam, eles erguiam a voz – e, às vezes, meu pai batia na minha mãe. Não era frequente, mas ouvíamos gritos e o *SMACK!* de um tapa, e minha mãe urrava. É o pior som que uma criança pode ouvir.

De vez em quando, gritavam um para o outro que iam embora. Certa vez, meu pai de fato foi. Sue e eu estávamos na sala, a briga começou na cozinha e nós o ouvimos berrar: “Chega – vou dar no pé!”.

Papai subiu as escadas, fez as malas e saiu batendo a porta da frente. Olhei boquiaberto pela janela enquanto ele sumia pela rua no crepúsculo, e pensei sentir meu coração se partir: *Ele foi embora! Papai foi embora! Nunca mais vou vê-lo!*

Ele foi até o fim da rua, deu meia-volta e retornou. Porém, aqueles segundos pareceram o fim do meu mundo... e ter de ouvir aquelas discussões brutais me afetou de uma forma que só fui compreender muito mais tarde na vida.

Mas Confesso não é uma autobiografia das tristes – longe disso! As brigas me afetaram muito na época, mas diminuíram à medida que Sue e eu crescíamos. Nossos pais eram carinhosos e protetores conosco, e nunca, jamais eu diria que tive uma infância de abuso ou tristeza.

Minha mãe era uma pessoa muito calma e firme, exatamente o tipo de rocha de que toda criança precisa. Quando estávamos juntos,

em família, eu quase nunca a via perder a paciência... exceto no Dia em Que Fomos à Luta-Livre.

Eu ainda era bem novo, mas me lembro como se fosse ontem. Fomos ao Walsall Town Hall e conseguimos bons assentos, perto do ringue. Acomodamo-nos e o primeiro *round* começou – e minha mãe perdeu completamente o controle.

Um dos lutadores deu um golpe traiçoeiro e ela se levantou e começou a berrar com ele: “Você não pode fazer isso, seu trapaceiro sujo! Juiz! Juiz! Desqualifique esse cara!”. Parecia enlouquecida. Eu nunca a tinha visto desse jeito!

Fiquei estupefato, e meu pai, mortificado. “Sente-se, mulher!”, sibilou para minha mãe. “Você está chamando a atenção para nós!”

Mamãe voltou a se sentar, mas ainda estava espumando: “Ele deveria ser chutado desse ringue por causa disso!”.

Ela não estava satisfeita. Na segunda tentativa de golpe sujo do vilão da luta-livre, mamãe saltou do assento e correu feito um relâmpago até a beira do ringue, de onde começou a golpeá-lo com a bolsa por entre as cordas. *Cada pancada!*

Ainda consigo ver a expressão do meu pai. A família Halford nunca mais foi à luta-livre.

Eu gostava de fazer o pequeno percurso do Beechdale até a cidade. Adorava a agitação de Walsall. Minha mãe, Sue e eu pegávamos o trólebus na frente do *pub* Three Men in a Boat^b para ir até o mercado de comida que se estendia pela colina até a St. Matthew’s Church.

Sue e eu implorávamos para ir até a Woolworth, na rua principal de Walsall, a Park Street, para comprar doces. Uma vez, tive um ataque de pânico lá dentro. Anunciaram pelos alto-falantes que a loja estava prestes a fechar, e eu surtei.

“Mamãe!”, eu gritava. “Precisamos sair daqui! Rápido! Vão fechar!” Fiquei apavorado com visões dignas de pesadelo de uma

noite preso na Woolworth. E então repensei: “Ah, espera aí, vamos ficar trancados na seção de confeitaria a granel! Isso seria legal...”.

Mamãe deixava a mim e a Sue no cinema da cidade, o Savoy, para as sessões matutinas para crianças em alguns fins de semana. Assistíamos a filmes e episódios de *Cisco Kid*. Não conseguíamos *ouvi-los* – as sessões eram um caos, com crianças correndo para todo o lado, berrando, chapadas de refrigerante.

A rainha foi a Walsall em 1957. Fui vê-la no parque cívico e atração turística da cidade, o Arboretum. Fiquei *muito* empolgado: *É a rainha! Diretamente da TV!* Ela usava um casaco de cores muito vivas e, quando acenou para a multidão, imaginei que estivesse acenando só para mim.

Depois, fiquei sabendo que ela mandava fazer suas selas em Walsall, e isso me deixou ainda mais orgulhoso. A cidade é famosa por sua indústria de couro; certa vez, fui com uma excursão da escola a uma fábrica de couro e vi como eram feitas as correntes, os chicotes e os rebites de couro. Pensando bem, *Correntes, Chicotes e Rebites de Couro* poderia ter sido um bom título para este livro!

Walsall parecia mágica no Natal, com as ruas lotadas e cobertas de neve. Um camarada que parecia um mendigo vendia batatas e castanhas assadas. Suas mãos ficavam pretas por causa do braseiro, mas isso nunca me impediu de pedir: “Mamãe, por favor, posso comer uma batata? Por favor?”.

O cara me entregava a batata numa folha de jornal com uma pitada de sal. Parecia muito exótico, e, para mim, tinha o sabor de caviar – não que eu fizesse a mínima ideia de qual era o gosto de caviar naquela época! Na verdade, pensando bem, até hoje não faço.

Os dias de Natal da infância eram sempre iguais. Eu passava a noite inteira acordado, ansioso para abrir os presentes, e tudo acabava antes das 8h da manhã. Eu ganhava uma caixa de doces

sortidos – KitKats, Fruit Pastilles da Rowntree, Smarties – e isso dominava o resto do dia:

“Mamãe, posso comer um KitKat?”

“Não, estou assando o peru! Vai estragar a sua ceia de Natal!”

“Ah, *mamãe!* Posso comer um Smartie³ então?”

“Sim, coma, mas um só!”

Dez minutos depois:

“Mamãe, posso comer um KitKat?”

E assim por diante, até depois do discurso da rainha...

Houve um ano em que meu pai me deu um presente muito legal: um pequeno motor a vapor com um combustor em que você colocava álcool e acendia. Você apontava a chama púrpura para uma pequena caldeira, colocava água e então o motor girava uma roda. Era uma peça belamente elaborada.

Em 1958, mudei de escola e fui para a Beechdale Juniors, vizinha da escola das crianças. O nível das aulas ficou um pouco mais alto e eu tive de aprender a escrever... com uma caneta tinteiro! É incrível pensar que era assim que aprendíamos.

Quando aprendi a ler, me interessei intensamente por quadrinhos. Recebia exemplares de *Beano* e *Dandy* toda semana em casa. Eram entregues por debaixo da porta logo antes de eu sair para a escola, e eu passava a manhã toda na aula louco para voltar para casa na hora do almoço e começar a lê-los.

Eu adorava as tirinhas – Dennis, o Pimentinha; Korky the Cat; Minnie the Minx –, mas não sei se as mensagens que elas passavam eram das melhores. Lembro-me de um personagem do *Beano*, Little Plum, que dizia: “Mim fumar um cachimbo da paz!”. As crianças britânicas cresceram achando que os povos nativos norte-americanos falavam assim!

Bem, a década de 1950 na Grã-Bretanha não foi uma época politicamente correta. Na casa dos meus avós, eu tinha um cofrinho para colocar trocados. Era um torso de metal de um homem negro com os lábios exagerados. Você colocava a moeda na mão dele, pressionava o ombro e ele levava a moeda até a boca. O simpático nome dado pelo fabricante era *Black Sambo*.

Não imagino esse brinquedo voltando com tudo...

Eu adorava TV e corria da escola para casa na hora do almoço para assistir aos programas infantis. Curtia as animações em preto e branco de Gerry e Sylvia Anderson. *The Adventures of Twizzle* era sobre um garoto cujos braços e cujas pernas se esticavam. *Torchy the Battery Boy* era um personagem que tinha uma lâmpada na cabeça. *Four Feather Falls* era sobre um xerife com armas mágicas e um cavalo falante.

À medida que os Andersons ficavam mais sofisticados, fizeram *Fireball XL5*, *Stingray* e *Thunderbirds*. Eu adorava todos, assim como programas como *Muffin the Mule* – que trazia uma senhora chique tocando serenatas ao piano para um burrinho de brinquedo dançante – e *The Woodentops*, uma família de marionetes.

Pois bem, eu era só uma criança comum, que fazia coisas comuns, no final dos anos 1950... e então passei por um momento extraordinário. Chamam isso de epifania, certo? Esses momentos em que você sente que tudo em sua vida – seu destino – está no lugar certo.

Aconteceu mais ou menos assim.

Foi numa aula de música na Beechdale Junior e a professora estava escolhendo quem entraria para o coral da escola, sentada ao piano vertical, enquanto os alunos, um de cada vez, se levantavam para cantar.

A professora tocava uma cantiga escocesa sobre Bonnie Prince Charlie, o príncipe Carlos Eduardo Stuart, chamada “The Skye Boat

Song”. Eu conhecia a música porque já a havíamos cantado na aula antes, então, quando chegou a minha vez, fui até a frente da sala e cantei:

*Speed, bonnie boat, like a bird on the wing
Onward the sailors cry
Carry the lad that’s born to be king
Over the sea to Skye.⁴*

Eu gostava da música, então cantei a plenos pulmões. Quando terminei, a professora, sentada ao piano, ficou me encarando. A princípio, não disse nada, e então pediu:

“Cante de novo para nós”.

“Sim, senhora.”

Ela se voltou para o resto da sala. “Todos vocês, parem o que estão fazendo, fiquem em silêncio, e ouçam o Robert”, disse. “Ouçam!”

Eu não sabia muito bem qual era sua intenção, mas ela tocou “The Skye Boat Song” ao piano de novo, e eu entoei a canção a plenos pulmões de novo. Desta vez, ao final, algo estranho aconteceu: a sala toda começou a aplaudir espontaneamente.

“Venha comigo”, disse a professora, e me conduziu até a sala de aula ao lado. Entramos e ela falou com o professor, que assentiu.

“Turma, quero que vocês ouçam Robert Halford cantar essa canção”, disse ele.

Agora isso estava ficando MUITO estranho.

Cantei “The Skye Boat Song” novamente, desta vez a cappella, sem o piano. Quando terminei, a sala começou a aplaudir, assim como a minha turma havia feito. Fiquei lá parado, olhei para eles e absorvi os aplausos.

Eu amei demais aquilo!

Sei que toda criança ama ser amada, e deseja atenção, mas, para mim, era mais do que isso. Naquele momento, pela primeira vez, pensei: *OK, isso é o que eu quero fazer!* Foi maravilhoso, e quando digo que penso naquele dia como o início da minha carreira no *show business*, só é brincadeira em parte. Porque, em muitos aspectos, de fato foi.

Perto do final do meu período na Beechdale Juniors, fiz o exame que toda criança na Grã-Bretanha fazia para saber se era inteligente e poderia ir para a escola de gramática local, ou se seria relegada à escola secundária moderna⁵. Passei, mas não queria me separar dos meus amigos, então recusei ir para a de gramática.

De todo o modo, a essa altura eu já tinha outras coisas em mente.

Porque, à medida que a puberdade se aproximava, comecei a me dar conta de que eu não era exatamente como os outros meninos.

a A maioria dos britânicos escreve “*mum*” para se referir à mãe, mas Sue e eu escrevíamos “*mom*”, porque era assim que falávamos. Todo Dia das Mães era um inferno encontrar cartões que soletrassem a palavra desse jeito, como em Walsall.

b Referência a um famoso filho de Walsall, Jerome K. Jerome, autor do romance cômico *Três homens num barco* (*Three Men in a Boat*).

3 *Confeito de chocolate semelhante aos M&M’s*. (N. do T.)

4 “Rápido, barquinho, como um pássaro a voar / Avante, bradam os marinheiros / Leve o garoto que nasceu para ser rei / Pelo mar até os céus.”

5 *Sistema educacional britânico em que, até meados da década de 1960, os estudantes, ao 11 anos de idade, realizavam uma prova denominada 11-plus, e aqueles que passavam nesse exame poderiam se matricular nas grammar schools (“escolas de gramática”), chamadas assim pois antigamente eram voltadas apenas ao ensino do latim, passando depois para um currículo escolar mais amplo, ao passo que aqueles que não passavam eram aceitos apenas nas secondary modern schools (“escolas modernas secundárias”).* (N. do T.)

2

Uma mãozinha aos amigos

Aos 10 anos, eu já sabia que era gay.

Bem, talvez não exatamente. Nessa idade, eu não sabia o que era “ser gay”, mas decerto sabia que gostava mais da companhia de meninos do que de meninas, e achava os meninos mais atraentes.

A primeira pista surgiu ainda na Beechdale Juniors, quando tive uma paixão séria por um garoto chamado Steven. Sentia-me muito atraído por ele e queria estar perto dele o tempo todo. Segui-o pelo parquinho no recreio para tentar brincar com ele.

Duvido que Steven tenha percebido alguma coisa, ou, se percebeu, só achou que eu era um colega grudento e irritante. Provavelmente não fazia mais ideia do que eu do que estava acontecendo – mas realmente causou um rebuliço hormonal no meu jovem e sensível coração.

Por sorte, minha atração por Steven passou logo, como sempre acontece com as paixões pré-adolescentes, e chegou a hora de ir para a escola dos alunos grandes. Fui transferido da Beechdale Juniors

para a Richard C. Thomas, uma escola secundária grande e antiga, numa pequena cidade vizinha, Bloxwich.

Toda manhã, vestia calça cinza, paletó e gravata azul com uma faixa dourada, pegava minha bolsa e caminhava 20 minutos até a escola. Depois de prender a respiração e passar disparado pela G. & R. Thomas Ltd., fazia um pequeno desvio até uma padaria e comprava um pão quentinho direto do forno por meio centavo. Comia metade e guardava o resto para depois.

Caminhava para a escola todos os dias, mesmo debaixo de chuvas torrenciais ou ventanias das mais fortes. Nesses dias, todo mundo da turma chegava ensopado e o vapor se formava sobre as nossas cabeças na fila, enquanto nossas roupas secavam da chuvarada. Pelo menos ganhávamos uma garrafinha de leite de graça.

Senti-me rapidamente em casa na escola secundária moderna. Apesar dos lampejos precoces de confusão sexual, estava me tornando eu mesmo e era um garoto confiante. Tinha uma boa turma de amigos e não era particularmente tímido nem bagunceiro. Apenas um rapaz normal de Walsall.

Fui um aluno decente. Minha matéria favorita era literatura inglesa, e me interessava por poetas como W.B. Yeats. Gostava das aulas de música e era bom em geografia. Acredito fortemente no destino, então, para mim, tudo isso faz sentido: passei a vida escrevendo letras, fazendo música e viajando pelo mundo!

Também era bom em desenho técnico, mas a matéria em si não me interessava em nada. Inclusive, até me assustava um pouco. Qualquer coisa baseada em engenharia me cheirava às temidas fábricas de aço – e, com todo respeito ao meu pai, que passou a vida nelas, não era lá que eu queria acabar. Ainda não fazia ideia do que queria da vida, mas sabia que não era *aquilo*.

Além disso, fui para o exterior pela primeira vez. Quando eu tinha uns 13 anos, a escola nos levou para a Bélgica para um fim de

semana. Fomos para Ostend e ficamos em quartos compartilhados, num albergue não muito longe da praia.

Ir para outro país parecia uma tremenda aventura e algo muito importante. Lembro-me de ficar impressionado com o quão tudo era *diferente*: a comida, os carros, as roupas, as pessoas e, é claro, o idioma. Tudo isso, até as toalhas de mesa de linho do restaurante do hotel, parecia mais *sofisticado* do que Walsall.

Meu melhor amigo na escola era Tony, um garoto também do Beechdale. Compartilhávamos do mesmo senso de humor. Voltávamos para casa recitando os esquetes de Peter Cook e Dudley Moore de *Derek and Clive*, ou inventávamos os nossos próprios, muito rudes, o que, é claro, sempre apetece a garotos adolescentes.

A *outra* coisa que garotos adolescentes acham infinitamente fascinante, é claro, é o sexo – que começou a ter um papel cada vez mais central na minha vida. Tudo começou quando me ensinaram a bater uma.

Meu instrutor foi um moleque um ou dois anos mais velho que eu, que morava um pouco acima na minha rua, no Beechdale. Num fim de semana, eu estava no conjunto com dois amigos da escola quando esse garoto nos abordou.

“Vocês querem aprender a fazer um negócio bem legal?”, perguntou ele.

“Sim, claro! Maneiro!”

“Certo. Sigam-me!”

Fomos até a casa dele, ele nos levou até um quarto no andar de baixo, fechou a porta... e colocou o pau para fora. “É assim que se faz”, disse. “Segura *desse* jeito.” Ele começou a se esfregar, para cima e para baixo, cada vez mais forte. “Se você fizer mais rápido, a sensação é demais!”, acrescentou, enrubescendo um pouco.

Eu não sabia *o que* pensar daquilo, mas meus dois amigos abaixaram a calça e começaram a imitá-lo, então achei melhor fazer

o mesmo. A princípio, fiquei envergonhado – *quer dizer, vocês também ficariam, não?* –, mas então acabei curtindo, e quer saber? Ele estava certo: quanto mais rápido, melhor a sensação *mesmo!*

O garoto era provavelmente um perverso a desabrochar, mas não nos tocou nem pediu para “segurar os nossos”; apenas se incumbira de ensinar a nós a antiquíssima e não tão nobre arte da masturbação. E revelou todo um novo mundo de prazer para mim.

Daí em diante, era o que eu fazia o tempo todo. Em casa, fui despejado do quarto que dividia com Sue. Foi ideia dela, que queria mais espaço e privacidade, mas eu não me importei de passar para o quartinho menor. Principalmente porque agora era muito mais fácil bater uma.

Eu socava sempre que tinha chance, e a mesma coisa na escola. Encontrava os amigos com quem tivera a aula de masturbação no Beechdale, ou uns outros dois... e nós batíamos uns para os outros.

Tínhamos o esconderijo perfeito para isso. Eu ainda ia bem na escola e fora recompensado com o título de bibliotecário. Gostava disso, e gostava de ir à banca de jornal todos os dias para buscar os jornais e colocá-los na biblioteca.

O melhor, porém, era poder usar uma salinha de madeira anexa à biblioteca para trabalhar no sistema de classificação decimal. De fora, não havia como ver lá dentro – ou assim pensávamos –, então era fácil se esconder lá para um arroubo rápido de prazer mútuo quando nos desse vontade. O que era... *sempre.*

Certa tarde, eu estava na salinha com um bom amigo, Pete Higgs. Tudo se deu da maneira de sempre – num minuto, estudávamos diligentemente para um trabalho da aula de inglês; no seguinte, estávamos batendo um para o outro.

Pete e eu estávamos em cima da mesa, com as roupas no chão e as calças no tornozelo, quando dei uma olhada para a porta fechada. Na parte superior, havia uma faixa fina de vidro que eu nunca havia

notado – e nessa janela surgiu o rosto chocado do professor de inglês.

Merda!

“Abaxe-se!”, sussurrei para Pete, e nós dois caímos para debaixo da mesa. Ficamos agachados, com o coração batendo forte como os martelos na fábrica do outro lado da rua.

O professor não entrou, mas fiquei com o coração na boca.

Putá merda!

Isso era ruim. Deveria haver consequências. Nada aconteceu nos dois dias seguintes, mas eu temia nossa próxima aula de inglês. Tudo correu normalmente, mas, quando o sinal tocou ao final da aula e nós íamos saindo da sala, o professor nos chamou.

“Halford! Higgs! Fiquem aqui!”

Acenou para nos aproximarmos, o que fizemos lentamente.

“Estendam as mãos!”

Ambos estendemos as mãos diante dele.

“Vocês *sabem* o porquê disso, não?”

Pete olhou para mim. Eu olhei para ele. Nós dois olhamos para o professor.

“Sim, senhor”, falei, assentindo.

O professor nos golpeou com força com a palmatória. Três golpes hábeis em cada mão. Seis dos bons.

“Vocês *nunca* mais vão fazer isso nesta escola!”, ele nos repreendeu.

“Não, senhor!”

“Agora, saiam!”

O sangue correu para as minhas mãos e formou vergões latejantes em ambas as palmas, e eu me esforcei para conter as lágrimas daquela dor lancinante. Porém, obviamente, nada disso nos impediu de fazer de novo... *e de novo...*

Pode soar curioso para vocês, mas eu e meus amigos batendo uma uns para os outros não era uma coisa gay. Éramos só amigos se divertindo e, bem, *dando uma mãozinha um ao outro*. Meus amigos eram héteros: se tornaram pais, e tenho certeza que a essa altura são avôs.

Mas isso era com eles. A *minha* história era bem diferente.

Se aos 10 anos eu tinha suspeitas, no início da adolescência tive certeza de que era gay; me interessava mais por garotos do que por garotas: isso era simples de entender. Nem fiquei horrorizado com essa percepção: sentia que era natural e normal. Porém, instintivamente, soube que era melhor ficar quieto.

De todo o modo, o que eu sabia sobre sexualidade gay? Walsall no início dos anos 1960 não fervilhava de informação sexual! Eu era um garoto confuso, que não sabia nada daquele mundo proibido que me atraía. Mas, de vez em quando, uma pista me era dada.

As viagens de férias da minha família eram baratas – a chance de irmos para o exterior era a mesma de irmos para a Lua –, mas animadas e ótimas. Blackpool era um dos nossos destinos favoritos. A praia era congelante e o mar parecia estar a uns 2 km de distância. Eu corria pela areia, mergulhava nas ondas e corria de volta pela praia, e então mamãe me enrolava numa toalha para evitar a hipotermia. Certa vez, alugamos um chalé velho e baleado, que ficava ao lado da ferrovia em Rhyl, ao norte do País de Gales. Sempre que um trem passava, o chalé inteiro sacudia.

Eu devia ter uns 13 anos quando fomos para Westward Ho!⁶, em Devon. Ficamos hospedados num parque de *trailers* à beira da praia, e certa tarde fui até a loja do parque só porque não tinha mais nada para fazer.

Vi um livro que trazia dois homens juntos na capa, peguei e folheei algumas páginas, que de cara atiçaram minha curiosidade. A

história tinha algumas cenas eróticas gays, então comprei o livro e o escondi sob a camisa para levá-lo até o *trailer*.

Por todo o resto das férias, lia o livro sempre que tinha chance. Sempre o levava escondido até o banheiro do parque. Não me estimulava sexualmente, mas explicava algumas coisas que eu ainda não entendia: *Ah, OK, então é isso que gays fazem!* Era como um livro didático que preenchia algumas das lacunas do meu conhecimento.

Quando chegou a hora de voltar para casa, esperei meu pai colocar todas as nossas coisas no porta-malas do carro e, quando ele virou as costas, enfiei o livro bem no fundo. Não queria que ninguém o descobrisse – meu pai menos ainda! O bizarro foi que, depois de tomar tanto cuidado para escondê-lo, me esqueci completamente do livro quando chegamos em casa. A viagem de Devon até Walsall é longa, então meus pais esperaram até o dia seguinte para tirar as malas do carro. Quando vi o que estavam fazendo, a ficha caiu como um raio na minha mente horrorizada: *Inferno do caralho! Aquele livro!*

Talvez eles não o achem. Tentei me convencer disso. Grandes chances... Eu estava assistindo à TV na sala quando meu pai entrou furioso e jogou o livro contra mim.

“O que é isso?”

“Isso o quê?”

“Você sabe o quê! Esse livro!”

“É só um livro.”

“Ah, é? Bem, você sabe sobre o que é esse livro?”

“Sim”, respondi.

Meu pai me olhou fixamente: “E você nega?”.

Suponho que havia algumas coisas que eu poderia ter dito. “Eu estava curioso, pai! Só por brincadeira!”, por exemplo. Teria sido até meio que verdade. Mas não foi o que eu disse.

“Não”, respondi. “Não nego.”

E esse fui eu me assumindo para o meu pai aos 13 anos. Ele me encarou, virou as costas, saiu e bateu a porta.

Ele nunca mais tocou no assunto – pelo menos não comigo. Mas o livro causou um certo buchicho na família. Sei que meu pai falou dele para minha mãe, e um tempo depois a notícia chegou até minha avó, Cissy. Quando a encontrei, ela parecia alegremente despreocupada com a coisa toda.

“Não se preocupe, meu amor!”, ela me reassegurou. “Lembro-me de que o seu pai passou por uma fase como essa!”

O quê? Eu sabia que meu pai tinha sido um rapaz muito bonito, e eis que descobri que, muito antes de ele conhecer minha mãe, um cara ficou muito apaixonado por ele e não parava de lhe dar presentes. Ou pelo menos foi o que vovó me disse. Será que eles se pegaram? Vai saber.

Eu nem fiquei tão chocado com o que vovó me disse. Aquilo só se somou à confusão generalizada que crescia rapidamente em torno de mim.

Em todo o caso, papai tinha seu próprio material literário secreto. Certo dia, na minha própria casa, fui fuçar no quarto dos meus pais, sem nenhum motivo em particular. Abri o guarda-roupa, mexi em alguns pares de sapato... e, debaixo deles, havia três ou quatro revistas.

Eram exemplares da *Health and Efficiency*, uma publicação para naturistas, coisas que meus pais *definitivamente* não eram. “O que essas revistas estão fazendo aqui?”, me perguntei. “Não podem ser da mamãe – devem ser do papai!” Não eram revistas de sacanagem nem pornografia propriamente dita. No máximo, eram bastante, bem, *naturais*, mas achei muito excitantes as fotos de rapazes pelados em situações corriqueiras.

Encontrei outra publicação altamente instrutiva num centro juvenil, em Bloxwich. Certo dia, fui ao banheiro e achei um livro de

fotografias eróticas em preto e branco de um cara chamado Bob Mizer, que hoje sei que foi um fotógrafo homoerótico americano revolucionário.

Aos 14 ou 15 anos, eu não tinha a menor ideia de quem era Bob Mizer, mas fiquei hipnotizado com as fotos dele. O livro era cheio de imagens de rapazes sarados de fio dental, deitados em rochas ou apoiados em postes. Ao folhear o livro na cabine do banheiro, minha cabeça implodiu.

Briguei rapidamente com a minha consciência: devia afaná-lo ou não? *Foda-se!* Minha consciência nunca ia ganhar essa briga! Escondi o livro na parte de trás da calça, dei uma desculpa esfarrapada aos meus amigos, dizendo que precisava fazer lição de casa, e corri para casa o mais rápido que pude.

Aquele livro era um baú do tesouro! Era cheio de histórias fotográficas roteirizadas. Em uma delas, um cara de colete dizia a outro cara de colete: “Minha moto quebrou, você pode consertá-la?”. E então, quando o segundo cara se debruçava sobre a moto, o primeiro dizia: “Ei, que bela bunda!”, e começava a apalpar essa bunda.

As fotos de Mizer eram inestimáveis para mim. Batia uma feito louco com elas. É impressionante quantas punhetas um garoto adolescente consegue bater com uma única foto antes de se cansar dela. O livro ficava escondido no meu quarto e, considerando que minha mãe fazia faxina todos os dias, é incrível que ela nunca o tenha achado.

Naquele mesmo banheiro do centro juvenil, em Bloxwich, achei um consolo esquecido numa prateleira. Dei uma lavada nele na pia e o levei para casa escondido no meu casaco. Ele me deu horas de prazer desenfreado e, quando não o estava usando, o escondia debaixo das roupas no armário. Meus pais nunca suspeitaram de nada.

Ou era o que eu pensava. Certa noite, eu assistia à TV na sala e meu pai lia o *Express & Star*. Sem tirar os olhos do jornal, ele dirigiu um comentário a mim.

“Talvez fosse bom você se livrar *daquele objeto*, Rob.”

Gelei. *Como ele sabia? Desde quando ele sabia?* Mesmo assim, de volta ao meu quarto, não consegui jogá-lo fora. Seria como cortar um braço! O consolo permaneceu escondido no guarda-roupa (do jeito que estava), e meu pai nunca voltou a mencioná-lo.

Eu era um adolescente desconcertado cujos hormônios estavam atirando para todo o lado. Procurava por informação em todo lugar, e não chegava a lugar algum. Tudo era um mistério para mim. E o que aconteceu na minha mais nova atividade pós-escola não ajudou.

Uma pequena fábrica de metais local começou um programa informal no qual os alunos podiam ir até lá um dia por semana depois da aula para aprender a usar equipamentos como tornos, morsas e brocas. Suponho que a ideia era nos conquistar jovens, de forma que talvez nos interessássemos o bastante para ir trabalhar com eles como aprendizes dali um ano ou dois.

Embora eu não tivesse interesse nenhum em trabalhar nas fábricas – como já falei, a ideia me horrorizava –, mesmo assim fui com uns dois colegas. Era só por 1 hora depois da escola e, bem, *era alguma coisa para fazer*. Melhor do que ficar entediado em casa.

Infelizmente, logo descobrimos que o sujeito que dava as minioficinas tinha uma abordagem muito diferente ao conceito de “conquistar os jovens”. Ele não estava interessado em nos ensinar habilidades de engenharia. Só queria nos bolinar.

O sujeito, de meia-idade e de bigode, nos mostrava como fazer pás de jardinagem ou atiçadores de lareira, e então ficava em cima da gente. Ele me dava uma peça de metal marcada à caneta, me dizia para lixá-la seguindo a linha e, enquanto eu lixava, ele colocava a mão nas minhas nádegas ou na parte da frente das minhas calças.

O cara percorria a oficina de garoto em garoto, passando a mão em todos nós, e ninguém dizia nada. Ele nunca nos falava uma palavra sequer ao fazer isso. Acontecia toda semana... e mesmo assim, eu e meus colegas nunca chegamos a conversar a respeito. Era como se nunca tivesse acontecido.

Eu estava me esforçando para me aceitar como gay e, embora o que ele fazia não me excitasse – parecia sujo, sórdido e nojento –, eu só pensava: “*Bem, OK, é isso que os caras gays fazem? É assim que funciona?*”. Eu até me perguntava: “*Essas coisas acontecem em todas as fábricas então?*”.

O mais esquisito é que nós continuamos a ir por pelo menos seis semanas. *Vai saber por que caralhos.* Eu apenas não sabia o que mais fazer. E então, um dia, depois de uma apalpada particularmente intrusiva, comentei com um dos meus colegas, no caminho de volta para casa, que estava meio entediado das oficinas.

“Eu também!”, disse ele, num tom que se parecia muito com alívio. “Vamos parar de ir, então?”

“Sim”, respondi.

E foi isso. Nunca mais tocamos nesse assunto.

Eu gostava de garotos, mas ainda saía com garotas. Um evento que frequentávamos regularmente era um baile – numa época antes das discotecas – quinzenal num clube, em Bloxwich.

Sempre gostei de dançar e até fiz umas aulas de danças tradicionais extracurriculares, nas quais aprendi a Les Lanciers e o Gay Gordons⁷. Gay Gordons! Eis *aí* um nome instigante! A essa altura, eu já havia deixado as danças tradicionais para trás, e quando levei uma garota, Angela, ao baile em Bloxwich, ganhei a competição de twist. Fiquei decepcionado com o prêmio – uma agenda do gibi *Eagle* com uma capa vermelha de plástico.

Mas veja bem, meu desapontamento não foi tão grande quanto o de Angela com o que eu fiz em seguida. O DJ do baile deixava cartões perto dos toca-discos para que escrevêssemos pedidos de músicas e mensagens para ele ler em voz alta. Por razões que só o meu eu adolescente e bobo sabe, escrevi o seguinte:

Por favor, toque “These Boots Are Made For Walking”, de Nancy Sinatra, e diga: “Essa vai para Angela, de Rob. Essas botas são feitas para andar, mas o que EU tenho é feito para outra coisa”.

O que diabos eu tinha na cabeça? Parecia um velho tarado!

Estou bem certo de que aquele foi o meu último encontro com Angela...

Levar as garotas ao baile em Bloxwich não era barato e eu decidi arrumar um emprego aos sábados. Meu avô trabalhava na Reginald Tildesley, uma concessionária de carros. Sempre havia vinte carros no pátio e, por meses, eu e um colega da escola, Paul, íamos até lá nos fins de semana e lavávamos cada um deles.

Era dureza, mas eu não me importava – às vezes, ficava até bem animado em ir, porque parecia coisa de adulto. O dono da concessionária nos dava umas duas libras pelo serviço, o que era bastante dinheiro em meados dos anos 1960. Porém, um dia, depois de termos ralado por horas, ele nos entregou cinquenta centavos.

“O que é isso?”, perguntei horrorizado.

“É o pagamento de vocês.”

“Cinquenta centavos? A gente sempre ganha duas libras!”

“Bem, é tudo o que vocês vão receber. É pegar ou largar.”

Pegamos, mas não voltamos mais.

O ensino de línguas estrangeiras não era muito popular nas escolas secundárias modernas naquela época, mas a minha escolheu

alguns alunos para ter aulas de francês, e eu fui um deles. Eu adorava. Gostava da professora, a sra. Battersby, e rapidamente me tornei seu aluno mais aplicado.

Eu gostava do francês porque parecia exótico. Esforçava-me para falar “sem sotaque”, isto é, sem um sotaque de Walsall. Queria falar “*Ouvrez la fenêtre*”, não “*Oo-vray lah fennetr-ah!*”, porque *ninguém* quer ouvir o belo idioma francês transformado num *yam-yam*.

O que é *yam-yam*? É um termo depreciativo usado pelo pessoal de Birmingham para ridicularizar o sotaque do Black Country: “*Am yow from Walsall?*” “*I yam!*”. Para quem é de fora, os sotaques de Birmingham e do Black Country podem parecer semelhantes – mas são muito, muito diferentes.

Com meu gosto pela aparente sofisticação do francês, veio um interesse cada vez maior por música, por teatro... e por roupas. A escola era bastante liberal e deixava os alunos mais velhos abandonarem o uniforme e usarem as roupas que quisessem. Tornei-me um seguidor assíduo da moda.

Como todo adolescente, eu só queria ser descolado e andar na moda. Passei a andar cheio de marra pelo Beechdale em mocassins que manchavam tão facilmente, que, toda vez que eu os calçava, ficava com medo de sujá-los ou de molhá-los na chuva.

Eu tinha um casaco de veludo cotelê verde que usei tanto, que mamãe precisou remendar os cotovelos. Uma gravata e calças largas folgadas complementavam o visual. Graças à Henry’s, a única boutique meio decente de Walsall, eu estava sempre na estica.

Não havia como usar aqueles trajes pelo Beechdale sem incitar alguns comentários acalorados, e me lembro de uma vez que estava voltando para casa de um dos bailes no clube em Bloxwich, certa noite, quando tinha uns 15 anos. Fiquei com vontade de comer batata frita e parei no trailer de cachorro-quente ao lado do conjunto. Também passara a pentear meu cabelo de forma bufante e para

frente, como os Small Faces, e o meu visual chamou a atenção de dois bebuns que devoravam cachorros-quentes.

“Oi, cara, olha como cê tá vestido, sua maricona!”, foram as boas-vindas de um deles, no *yam-yam* mais carregado. “O cê é, um rapaz ou uma menina?”

Não respondi, mas fiquei com a pergunta na cabeça e, de certa forma, ela me assombrou. A essa altura, eu já sabia que era gay, mas os bebuns dizerem que eu parecia uma mulher me fez ficar preocupado: *É isso que todo mundo acha que eu pareço? Isso é parte de quem, e do que, eu sou?*

Quando eu estava prestes a completar 16 anos e me preparava para os exames finais na escola, a família Halford recebeu uma novidade bombástica. Sue e eu com certeza ficamos surpresos, e foi igualmente espantoso para mamãe e papai. Ganharíamos um novo irmãozinho: Nigel.

Nigel certamente não foi planejado, mas sua vinda foi ótima. Era adorável ter um nenê na casa, mamãe e papai se deleitavam, e Sue e eu o amávamos. A chegada dele parecia mágica.

Apesar disso, depois do nascimento de Nigel, minha mãe ficou deprimida. Sofria variações de humor e ficava muito calada e introvertida, até que seu médico a receitou comprimidos de felicidade, como eu sempre chamei os antidepressivos. Eu conheceria a depressão cara a cara anos depois.

Porém, como todo adolescente, eu estava absorto na minha própria e egoísta vida... o que me levou a um encontro sobrenatural distintamente estranho. *Na Bélgica*. Foi uma bizarrice daquelas.

Por algum motivo, eu e meu melhor amigo, Tony, decidimos recriar a viagem da escola de um fim de semana em Ostend. Conseguimos passagens de ônibus e balsa baratas e fizemos reservas numa pensão da cidade. O lugar tinha cinco ou seis andares, e a proprietária nos deu um quarto no último andar.

Nossas camas ficavam em lados opostos do quarto. Na primeira noite, assim que nos deitamos, a minha cama começou a... balançar.

“Rob, *o que* cê tá fazendo?”, perguntou Tony, desconfiado, na escuridão.

“Nada!”, eu respondi, com o coração a mil. “É a minha cama que está chacoalhando!”

Levantei-me e acendi a luz. A cama agora estava imóvel e parecia completamente normal. Quando apaguei a luz e voltei a me deitar, começou de novo. Não durou muito tempo, mas eu não consegui dormir muito naquela noite.

Tony e eu demos um giro por Ostend no dia seguinte, e eu fiquei ansioso na hora de ir para a cama à noite. E com razão. Assim que apaguei a luz, minha cama voltou a vibrar violentamente. Balançava tanto, que eu achei que fosse cair dela.

Parecia uma porra de uma cena de *O Exorcista*. A cama chacoalhava loucamente e até os quadros na parede tremiam. Durou muito mais tempo do que na noite anterior, e foi assustador.

Na manhã seguinte, enquanto a proprietária nos servia o café, tentei contar a ela, no meu francês torto, com ajuda do meu dicionário de bolso, o que havia acontecido:

“Er, *excusez-moi, Madame! Hier soir, mon lit, er, tremblait!*”⁸.

Ela me encarou e sacudiu a cabeça. “Não falamos sobre isso!”, rosnou, e saiu andando. E fim de papo... mas acho que a crença muito forte que tenho no sobrenatural nasceu naquele fim de semana na Bélgica.

De volta a Walsall, desenvolvi um novo interesse muito intenso – e que eu comecei a ter esperanças de talvez transformar numa carreira.

Assistia a muitos seriados na TV, como *Z Cars*, *Dixon of Dock Green*, *O Santo* e *Os Vingadores*⁹, bem como *Play of the Month*, da

BBC. Televisão, cinema e teatro me fascinavam, e eu cultivava a ideia de me tornar ator.

Seria esse o meu futuro? Estava chegando a hora de terminar a escola. Estudei bastante para meus exames finais e fui bem, mas não tinha interesse em ficar para os anos preparatórios para o ensino superior. Naquela época, alunos de classe trabalhadora não os cursavam, e eu queria cair no mundo.

Pelos meus pais, tudo bem. A atitude deles era basicamente me ajudar em qualquer coisa que eu quisesse fazer na vida. Mamãe me perguntava com frequência: “Rob, você está feliz?”. Quando eu respondia: “Sim”, ela dizia: “Bem, se *you* está feliz, *eu* estou feliz”. É uma coisa ótima de se dizer a um filho.

Assim, meus pais e eu passávamos noites examinando prospectos da Birmingham School of Acting, nos perguntando se esse poderia ser um bom próximo passo para mim depois de me formar.

Os prospectos eram cheios de fotos de rapazes de calças apertadas com grandes volumes à mostra, o que não me desestimulou nem um pouco! Porém, pensei que o fato de eu não ter nenhuma experiência em atuação poderia ser um problema. Duvidava que considerassem uma peça infantil do nascimento de Jesus, com um grampo espetando o meu crânio.

Meu pai tinha um amigo que era envolvido com teatro amador, então foi conversar com ele. O cara disse que atuava em produções de um teatro local chamado The Grange Playhouse, onde estavam sempre à procura de novos talentos: “Diga ao Rob para dar uma passada lá! Ele vai gostar!”.

“OK, vou lá dar uma olhada”, eu disse, e calcei os mocassins, vesti o casaco de veludo verde e coloquei a gravata.

Fui conferir e... gostei muito. Fui escalado para um drama realista doméstico no qual interpretei um jovem aprisionado numa família disfuncional. A maioria dos outros atores era mais velha do que eu,

mas me recebeu muito bem. O amigo do meu pai foi particularmente prestativo e incentivador.

Eu gostava de ir aos ensaios uma noite por semana e aprendia bem as minhas falas. Quando as cortinas se abriam ao início da peça, eu era a única pessoa no palco, sentado bem à frente, limpando os sapatos. O diretor disse que queria que eu cantasse o *jingle* de um comercial de TV enquanto os polia.

“Qual comercial?”, perguntei.

“Tanto faz”, respondeu ele. “Qualquer um. Pode escolher.”

O único comercial de TV que consegui lembrar foi o da pasta de dente Pepsodent, que tinha uma cantiguinha festiva difícil de tirar da cabeça, e foi o que cantei:

*You'll wonder where the yellow went
When you brush your teeth with Pepsodent!*¹⁰

A peça ficou uma semana em cartaz e o *Express & Star* mandou um crítico para assisti-la. A resenha me destacava com elogios: “A atuação de Robert Halford é muito bonita e astuta... fiquem de olho nesse garoto!”. Fiquei muito contente com essas palavras e decidi parar de limpar a bunda com o jornal no banheiro da vovó.

Queria atuar mais, então fiquei animado quando o amigo do meu pai me procurou de novo. Ele conhecia pessoas que trabalhavam no Grand Theatre, em Wolverhampton, um teatro de prestígio nas Midlands. Iam todos sair para beber em Walsall – será que eu gostaria de ir junto, para ele então me apresentar a elas?

Pode apostar que sim! Sim, por favor! Ele me disse onde se encontrariam... e era um *pub* perto da casa dos meus avós. Assim, combinei com eles de dormir lá ao final da noite, para evitar a enrolação de voltar até em casa.

Duas noites depois, o amigo do meu pai me buscou na Kelvin Road depois da hora do chá. Primeiro, me levou até um depósito de figurinos teatrais a que, de algum modo, ele tinha acesso. Era uma verdadeira Caverna das Maravilhas do Aladdin, e eu fiquei admirado com todos aqueles fantásticos acessórios medievais e roupas de época. Sempre adorei uma bela fantasia.

Em seguida, fomos para o *pub*. O pessoal do teatro era legal, ainda que meio esnobe, e entornavam uma bebida atrás da outra. O amigo do meu pai me deu rum e licor de cassis – em muitas doses.

Até então, eu mal tinha bebido. Às vezes, minha avó me dava um copinho de *shandy*¹¹, ou um gole do *snowball* dela no Natal. Agora, isso era beber de verdade – *Rum! Com gente do teatro!* – e muito além do que eu conhecia. Queria me enturmar, então mandei ver. Logo, porém, fiquei completamente chumbado.

Ao final da noite, o bar estava girando. “Já sei – vamos para a minha casa!”, sugeriu o amigo do meu pai. A essa altura, eu já topava qualquer coisa e, quando vi, estávamos nós dois no apartamento dele.

Talvez ele tenha me dado mais um drinque. Não me lembro. Falava sobre o teatro, e a TV estava ligada ao fundo. Eu só tentava manter a compostura e algum tipo de foco. E então, de repente, a luz se apagou e ele se encontrava bem ao meu lado.

O amigo do meu pai não estava mais falando de teatro. As mãos falavam por ele, passando pelo meu corpo todo – meus braços, meu peito, minha virilha. Trabalhava em silêncio: nada foi dito. Era uma repetição daquelas oficinas na fábrica de metais – desta vez, porém, foi mais adiante.

Fui incapaz de reagir. O cara sabia o que queria e foi com tudo. Abriu minha calça, tirou meu pau para fora, se ajoelhou e o colocou na boca. Sentado lá, paralisado, bêbado, inerte e mudo, recebi meu primeiro boquete.

O que é isso?

O que está acontecendo?

O que eu faço?

Posso fazê-lo parar?

Fiz... coisa nenhuma. Não tenho ideia de quanto tempo aquilo durou, mas, quando acabou, o amigo do meu pai se levantou sem dizer uma palavra e saiu da sala. Lembrei que estava perto da casa da minha avó, peguei meu casaco, me conduzi para fora da casa e, em pânico e desorientado, tropecei noite adentro.

Não sabia o que pensar do que havia acontecido. Nem tinha certeza *do que* tinha acontecido. Deitei no quarto de hóspedes da minha avó me sentindo esquisito, e então apaguei. Na manhã seguinte, com a cabeça explodindo na minha primeira ressaca, meus pensamentos corriam por todo lugar: *É ISSO que gays fazem? É isso que é ser gay? É isso que as pessoas do teatro fazem? Eu passei por um teste do sofá?*

Hoje, é claro, sei que o cara era um completo predador sexual; um pedófilo. Viu minha juventude, percebeu a minha vulnerabilidade e abusou dela e de mim. Na época, eu não soube o que sentir. Pensei que devia ser culpa minha.

Quando voltei para casa, mais tarde naquele dia, meu pai perguntou como havia sido a noite.

“Ótima”, balbuciei.

“Meu amigo cuidou bem de você?”

“Sim”, respondi. “Cuidou sim.”

Nunca contei ao meu pai o que o amigo dele havia feito comigo, pois isso o teria arrasado. Nem teria contado o episódio neste livro se meu pai estivesse vivo.

Depois de toda tempestade, vem a bonança. É difícil achar a “bonança” num abuso sexual, mas aquela noite sinistra trouxe uma. Alguns dias depois, um dos outros caras do teatro que estavam no

pub entrou em contato comigo. Havia uma vaga de assistente de cena disponível no Wolverhampton Grand – estaria eu interessado?

Eu estava. Fui entrevistado pelo diretor de cena do teatro e ele me contratou, para começar imediatamente. Meu futuro próximo estava garantido... e era exatamente o que eu queria.

Eu ia entrar para o teatro.

6 *Vilarejo costeiro que de fato leva um ponto de exclamação no nome, como o título do romance homônimo que lhe serviu de inspiração. Best-seller de 1855 do escritor Charles Kingsley, Westward Ho! é ambientado na cidade vizinha de Bideford. (N. do T.)*

7 *Les Lanciers é uma variação da quadrilha, datada dos séculos 18 e 19, e Gay Gordons é uma dança tradicional do interior da Escócia. (N. do T.)*

8 *“Desculpe-me, senhora! Na noite passada, minha cama estava tremendo!” (N. do T.)*

9 *Série inglesa de espionagem dos anos 1960, não relacionada aos personagens da Marvel Comics. (N. do T.)*

10 *“Você vai se perguntar onde o amarelo foi parar / Quando escovar os dentes com Pepsodent!”*

11 *Cerveja com limão. (N. do T.)*

3

Seis barley wines e um Mogadon

O primeiro emprego é uma coisa importante, um rito de passagem, e começar a trabalhar no Wolverhampton Grand aos 16 anos me deu essa sensação. Embora fosse louco por atuar e pelo teatro, não sabia muita coisa a respeito, e não tinha certeza do que esperar.

Bem, foi soberbo. Eu adorei o trabalho.

Fui admitido como assistente de cena/eletricista *trainee/faz-tudo* e trabalhava para o diretor de cena. Passei as primeiras semanas preparando chá, varrendo o palco, fazendo serviços gerais e me acostumando com a mudança completa no meu estilo de vida diário.

Não havia mais disparadas para passar correndo pela G. & R. Thomas Ltd. de manhã cedo. Agora, eu pegava o ônibus para Wolverhampton para chegar ao Grand ao meio-dia, trabalhava a tarde toda e nas peças à noite, depois, pegava um ônibus noturno de volta a Walsall e chegava em casa, já toda escura, por volta da meia-noite.

Funcionava bem para mim (e me transformou no notívago que sou até hoje). O filho do diretor de cena era técnico de iluminação, e os dois me colocaram sob sua tutela. Evoluí rápido no trabalho e em questão de meses já operava toda a iluminação das peças.

Em quase todo teatro, o equipamento de iluminação fica na frente do palco, mas, no Grand, ficava nas coxias. Isso o tornava mais difícil de operar, mas logo peguei o jeito e, por meses, assisti, fascinado, a peças incríveis serem encenadas a poucos metros de mim. Trabalhei na iluminação de tudo: shows de variedades, de repertório, balés, óperas de D'Oyly Carte, *Orfeu no Inferno*. Os artistas corriam ao meu redor para entrar e sair do palco, ou esperavam as deixas para entrar, e eu me encontrava bem no meio daquilo tudo.

Adorava ficar próximo de grandes estrelas da TV. Tommy Trinder, famoso comediante, visitou o Grand. Eu o assistira inúmeras vezes no *Sunday Night at the London Palladium*, e foi demais quando ele lançou seu bordão: “Seus sortudos!”.

A Woodbine, marca de cigarros, patrocinava os shows de variedades e dava um mínimo de cinco unidades para todo mundo no dia desses espetáculos. Toda noite, duas mil pessoas baforavam à espera do show começar. Quando eu apertava um botão e a cortina subia, uma névoa de fumaça de cigarro tomava o palco.

Não surpreendentemente, eu mesmo comecei a fumar – mas, sendo meio esnobe, rejeitava o Woodbine e o Player's No. 6 e preferia Benson & Hedges. Por algum motivo, achava que esse era mais sofisticado. Que trouxa!

Apreendi tudo sobre como trabalhar com iluminação teatral no Wolverhampton Grand. A outra habilidade que peguei rapidamente foi como *beber*.

O teatro tinha um espírito de “trabalhar pesado, se divertir pesado”. O ritual consistia em, 10 minutos depois do final do

espetáculo, toda a equipe se congrega no bar. Entornávamos o máximo de bebidas o possível, o mais rápido o possível, e depois eu saía trançando as pernas para pegar o último ônibus para Walsall.

Fiquei de saco cheio dos ônibus, economizei parte do meu salário e comprei uma lambreta Honda 50, paga em parcelas. Ela em nada interferiu na minha bebedeira pós-trabalho, e eu costurava irregularmente pela A41 depois da meia-noite. Houve algumas noites em que eu ficava impressionado por ter conseguido chegar em casa.

Beber era ótimo, eu adorava e, quando fiz 18 anos, pude beber legalmente. Lancei-me de bom grado na grande tradição britânica de jovens rapazes bêbados. Nas noites de folga, eu ia até um animado boteco local chamado Dirty Duck.

Beber se tornou a minha vida social... porém, desde o início, nunca fui um bebedor casual. Tinha um propósito. *Eu bebia para ficar bêbado*. Descobri que o melhor caminho para o estupor era *barley wine*¹², então eu tomava algumas, depois buscava meu acompanhamento preferido – um Mogadon.

Mogadon é o nome comercial do nitrazepam, um calmante e ansiolítico potente. Se eu tomasse um depois de uma ou duas cervejas, ficava com aquela sensação aconchegante e avoadada que queria. Sempre havia uma ou duas figuras suspeitas no Duck com uns comprimidos para fornecer:

“Aí, amigo, cê tem um Mogadon?”.

“Opa. Nos dê uma *barley wine* e eu te dou um!”

Eu ficava torto de bêbado. Acordava na manhã seguinte querendo morrer, mas até a hora do almoço a ressaca já tinha passado e eu estava pronto para a próxima. Como todo adolescente, eu tinha superpoderes de recuperação.

Sue havia se formado na escola, era aprendiz de cabeleireira e comprara um Austin 100 verde. Era o xodó dela, e ela me dava uma carona até o Duck, porque estava saindo com um dos bebedores de

lá, um rapaz adorável que todo mundo chamava de Brian, o Leão, por causa de sua juba vistosa.

Inspirado por Sue, tentei brevemente aprender a dirigir. Brian tinha um Mini e, numa tarde de domingo, disse que me deixaria guiá-lo. Levou-me até uma rua residencial tranquila, não muito longe da casa da minha avó, e me deixou assumir o volante.

“Engate a primeira, pise no acelerador *bem devagar* e solte a embreagem”, me instruiu ele.

Sem jeito, pisei fundo no acelerador e soltei a embreagem rápido demais, então o carro disparou feito um foguete. Voamos pela rua, totalmente fora de controle, por uns cinquenta metros, batemos num carro estacionado à esquerda e, só para coroar, em outro estacionado à direita.

“PARA! PARA! PARA!”, rugiu Brian, o Leão. Pisei com tudo no freio e pulei para fora do carro. Trocamos rapidamente de lugar e saímos vazados dali. Ao olhar para trás, vi gente sair de casa para ver que diabos tinha acontecido.

“Sinto muito, cara!”, eu disse a Brian quando alcançamos uma distância segura daquela carnificina e ele encostou o carro. A frente estava toda amassada e eu implorei para ele me deixar pagar pelo conserto, mas ele não quis saber. Fiquei mais quinze anos sem dirigir um carro.

O Wolverhampton Grand abriu meus olhos para todo o tipo de grandes dramas e produções teatrais, mas, ao final da adolescência, outra forma de arte começou a ganhar minha afeição: fui me apaixonando fortemente pela música.

Eu adorava *Juke Box Jury*, um programa de TV com o ridiculamente esnobe David Jacobs, que tocava discos para um grupo de jurados que dava notas a eles. Uma das juradas era uma adolescente de Wednesbury, que ficava pertinho de nós, chamada Janice Nicholls. Quando ela gostava da música, sempre dizia, “*Oi’ll*

*give it foive!*¹³. Foi a primeira vez que ouvi o sotaque do Black Country em rede nacional na TV.

Assistia ao *Top of the Pops* religiosamente toda semana e curtia bandas como Freddie and the Dreamers, Cliff Richard and the Shadows e The Tremeloes. Em Walsall, comprava compactos na W. H. Smith ou numa loja de música de rico chamada Taylor's, que tinha um piano de cauda na vitrine.

Porém, meu caso de amor com a música, assim como o de muita gente, começou de fato com os Beatles.

Eu gostava dos primeiros compactos deles, mas foram o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e o Álbum Branco que me fisgaram. O Álbum Branco me deixava hipnotizado. Achava aquilo cósmico. Passei semanas ouvindo, analisando as letras, e coleí as fotos que acompanhavam o disco nas paredes do meu quarto com fita adesiva.

Dei uma geral radical no meu quartinho. Pinteí as paredes de roxo-escuro, removi a porta e, no lugar dela, instalei uma cortina laranja-clara. Era uma tentativa *gauche* e adolescente de ser *cool*, mas minha mãe não pegou esse fator descolado:

“Rob! *Mas que...* por que você arrancou a porta do quarto?!”.

“O quarto é meu! Posso fazer o que eu quiser!”, bufei, um adolescente típico.

Ouvia a Radio Luxembourg – quando conseguia sintonizar a transmissão ruidosa em onda média – e o programa *Top Gear*, de John Peel, na nova Radio 1. Adorava os artistas de blues antigos que ele tocava e dos quais eu nunca tinha ouvido falar: Muddy Waters, Howlin' Wolf e Bessie Smith.

Se você fosse um jovem ligado em arte, como eu me considerava, a música era de suma importância no final dos anos 1960, e eu me alimentava dela. Jimi Hendrix explodiu a minha cabeça e eu comprei todos os discos dele. Gostava dos Rolling Stones, mas me atraía mais

*image
not
available*

a escaldante sala de luzes era um sucesso do ano anterior, “San Francisco (Be Sure to Wear Flowers in Your Hair)”, de Scott McKenzie. Olhei para eles, totalmente atônito, e pensei: *Putá merda! O sonho hippie é real! Conseguir chegar até Wolverhampton!*

Anos depois, li Ozzy Osbourne dizer exatamente a mesma coisa: “Eu ouvia falar de gente na Califórnia que usava flores no cabelo e pensava: ‘*Que diabos isso tem a ver comigo? Sou de Birmingham e meus bolsos são furados!*’”.

A primeira banda que vi ao vivo certamente não era de hippies sonhadores que tentavam mudar o mundo, e sim Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick and Tich, um grupo pop do sudoeste da Inglaterra com uma série de sucessos nas paradas. Não era muito a minha praia, mas quando vi que eles tocariam no Silver Web, um clube em Wolverhampton, fui vê-los.

“Você parece meio jovem”, disse o segurança, me olhando de cima a baixo.

“*Nah*, sou nada, amigo, trabalho no Grand Theatre!”

Meu truque funcionou e ele me deixou entrar. O show foi incrível. Tinha um toque de glam precoce, havia um bar, então fiquei devidamente daquele jeito, e adorei ver uma banda de verdade de perto tocar músicas a que eu assistira no *Top of the Pops*.

Fui ver o Crazy World of Arthur Brown num pequeno e curioso clube, em Walsall. Arthur Brown era um *one-hit wonder*, mas *que* hit: “Fire”, que ele tocara no *Top of the Pops*, usando um elmo em chamas. Só havia umas cem pessoas ao show em Walsall, mas ele apresentou o show teatral completo, incluindo um galeão de papel machê.

Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick and Tich e Crazy World of Arthur Brown eram bandas divertidas, mas não faziam um som que mexia comigo e chegava no fundo da minha alma. Isso veio na virada da década, quando ouvi bandas como Led Zeppelin e Deep Purple.

*image
not
available*

Era um cara legal, da minha idade, mas não houve química entre nós. Fomos a Londres fazer compras, e depois peguei o trem de volta para casa.

No Grand, quando chegou a temporada de pantomima, fizemos uma produção suntuosa, com uma orquestra completa. O diretor musical era muito a fim de mim e não me deixava em paz. Não havia como ele deixar isso mais escancarado. O cara era bem mais velho que eu, e eu diria que um avanço em relação ao cara da fábrica e ao amigo pervertido do meu pai, no sentido de que ele não tentou me bolinar nem me molestou. Era respeitoso, mas nunca parava de tentar flertar comigo.

Eu detestava. A essa altura, já sabia das intenções dele e do que ele estava atrás, mas não tinha atração por ele, e aquilo precisava parar. Estava me enlouquecendo. Um dia, depois que ele deu em cima de mim de novo, fiquei farto. Sabia que precisava fazer alguma coisa... mas o quê?

E então aconteceu a coisa mais estranha. Não sei de onde isso saiu, ou por que, mas me veio uma ideia urgente à cabeça: *Preciso ir à igreja.*

Assim, fui. No horário de almoço, saí do Grand e caminhei até a St. Peter's Collegiate Church, na Lichfield Street. É uma antiga igreja católica, grande e ornamentada, no centro da cidade, e estava vazia quando cheguei. Dirigi-me até uma estátua da Virgem Maria e... *me comuniquei com ela.* Não me lembro se falei em voz alta, ou se só pensei com muita força, mas disse o seguinte à Nossa Senhora de Lourdes:

Preciso muito de ajuda aqui. Estou muito confuso em relação ao que sinto e ao que estou passando. Não sei se é certo, se é pecado, se é do mal, ou se tudo bem. Não sei o que fazer!

E uma coisa extraordinária aconteceu. Enquanto eu dizia – ou pensava? – essas palavras, uma onda de paz me tomou. Foi como se

*image
not
available*

Agora que minhas noites estavam livres, eu me aventurava até Birmingham para shows em casas como o Henry's Blueshouse, em cima de um *pub*, onde vi blues dos bons. Certa noite, vi um show de Muddy Waters e não conseguia acreditar que ele estava *ali*, na minha frente, em Birmingham. Era como ver Mozart!

Ia com Sue ao Mothers, em Erdington, uma versão do Marquee londrino nas Midlands. Vi o Zeppelin e o Pink Floyd lá, e acho que, numa noite em que bebi até cair, vi o Earth antes de se tornar Black Sabbath.

Nas noites em que não havia nada, eu ia até o Dirty Duck e enchia a cara. *Enchia muito a cara*. A essa altura, já bebia com muita frequência e consistência, e não via razão para não entornar uma *barley wine* atrás da outra e engolir os Mogadons. Na hora de ser chutado do bar, meus instintos de pombo-correio entravam em ação e eu conseguia chegar em casa aos trancos e barrancos.

Certa noite, numa sexta-feira, Sue me levou de carro até o bar e eu virei seis *barley wines* e um Mogadon. No caminho de volta para casa, vomitei pela janela do carro. Acordei na manhã seguinte sem absolutamente nenhuma lembrança disso, e ouvi Sue, puta da vida, suplicar para o nosso pai lá embaixo:

“Pai, levei o Rob ao Duck ontem à noite e ele vomitou na porta do meu carro todinha! Ele ainda está desacordado e eu estou atrasada para o trabalho – você pode limpar para mim, por favor?”.

Ele limpou. Só Deus sabe por que ele não me arrastou da cama para eu mesmo limpar.

Mas Sue também não era nenhuma anjinha. Minha irmã estava passando por uma fase rebelde. Além do salão, ela começara a fazer alguns trabalhos como modelo fotográfico e virou adepta de fazer biquinho e usar calças coladas.

Nessa época, eu já tinha uma coleção de discos bem decente e, certa noite, quando o DJ de rock do Duck ficou doente, me ofereci

*image
not
available*

Sue havia parado de acariciar a juba de Brian, o Leão, e agora namorava um camarada simpático de nome Ian Hill, que ela conheceu no Dirty Duck. Ian tocava baixo numa banda chamada Judas Priest, que já rodava pelo circuito havia um tempinho.

Recentemente, a banda se deparara com alguns problemas. O vocalista e o baterista saíram e precisavam de substitutos. Um dia, Sue estava me falando disso – e então parou e me encarou.

“Sabe, Rob, você deveria fazer um teste para entrar no Priest”, sugeri.

Olhei para ela enquanto a possibilidade me passava pela cabeça.

Humm.

“Pois é”, falei. “É, acho que deveria, mesmo.”

*image
not
available*

“Claro”, disse Ken. “Por que não?”

Eles me explicaram que o Judas Priest geralmente ensaiava no salão de uma escola, apelidado de Holy Joe’s, anexo a uma igreja em Wednesbury, a pouco mais de 4 quilômetros de Walsall. Assim, uns dois dias depois, Hinchy e eu fomos até lá.

Ken, Ian, John e eu fizemos um som e brincamos com *riffs* por pelo menos umas 3 horas. Todos nos sentimos muito à vontade na companhia uns dos outros, então não fiquei nervoso. Na verdade, fui com tudo, com muitos agudos, interjeições tipo “*Ooh, aah, baby!*” e meus melhores movimentos à la Plant e Joplin. Foi uma sensação muito boa logo de início.

Se eu tivesse feito esse teste em Los Angeles, é claro, Ian ou Ken teriam dito: “Uau, mano, isso foi incrível! Com a sua voz e o nosso instrumental, nós vamos dominar o mundo!”. Porém, não é esse o temperamento pé no chão de Walsall^a. Em vez disso, Ken só assentiu com a cabeça, satisfeito.

“Foi bom, não?”, ponderou. “Querem fazer mais um som ainda nesta semana?”

E foi isso, simples e fácil. Eu agora era o cantor do Judas Priest. Voltei para casa me sentindo muito feliz.

Rapidamente, entramos numa rotina de ensaios aos fins de semana e à noite durante a semana. Nossas *jams* no Holy Joe’s contavam com um curioso ritual. O Holy Joe em pessoa – o padre Joe, o velho vigário da igreja vizinha – vivia no recinto e aparecia por lá para recolher o pagamento do aluguel do salão.

O padre Joe parecia gostar de tomar umas, e nem tentava esconder. “Vamos lá, rapazes, estou seco!”, ele nos dizia enquanto remexíamos nos bolsos dos jeans em busca de algumas notas para pagá-lo. Assim que o fazíamos, ele disparava alegremente para o *pub* da esquina.

*image
not
available*

bagunça hormonal e emocional lamentável e fui completamente incapaz de comunicar esse fato a ela.

Então, como a maioria dos rapazes, terminei de um jeito merda. Pouco depois de termos passado a noite juntos, eu estava sentado na minha cama, na Kelvin Road, numa tarde de domingo, mandando ver na gaita. A campainha tocou e Sue, lá de baixo, me chamou.

“Rob! Margie está aqui para te ver!”

Merda! O que eu faço agora?

Entrei em pânico. “Não quero vê-la!”, gritei lá de cima.

“Hein? Rob, não seja otário, ela está aqui agora! Você vai descer ou não?”

“Não, não vou descer! Não quero vê-la!”

Eu tinha 22 anos e estava agindo como um adolescente patético. Por sorte, Margie foi muito mais legal do que eu merecia, e nós continuamos amigos. Mas eu peguei a dica que o meu corpo e a minha mente estavam me dando. Foi a última vez que tentei sair com uma mulher por um longo, longo tempo.

No Meynell House, em Birmingham, dividindo o apartamento e o catre da banda com Ian, havia uma figura de uma excentricidade muito particular que se tornaria muito significativa na história do Judas Priest: Dave “Corky” Corke.

Corky era o empresário da banda, embora ninguém soubesse exatamente como isso se deu. Aparentemente, ele só andava com os caras e um dia se designou para o cargo. Porém, ninguém podia negar que ele se lançou no papel de empresário com um deleite absoluto.

Corky fazia um corre pesado, do tipo que provavelmente toda banda precisa fazer no começo. Natural de West Bromwich, era um cara baixinho, gordinho e irrequieto, de cabelos cacheados, um

*image
not
available*

vez em quanto eu via seu Rolls-Royce estacionado no conjunto quando ele ia visitar a mãe^b.

Porém, havia mais uma banda daquela época que abalava minhas estruturas mais do que qualquer outra, e ainda abala – o Queen.

Ouvi Queen pela primeira vez quando Alan Freeman tocou em seu programa na Radio 1, e depois Kenny Everett fez a mesma coisa. O som era bom, mas foi só quando os vi no *Top of the Pops* que fizeram minha cabeça por completo. De cara, Freddie Mercury já se tornou um deus para mim.

Não era o fato de ele ser gay – eu nem percebi isso. Eu via as bandas glam e *confabulava*. Sabia que Noddy não era gay, nem Brian Connolly, do Sweet, mas não tinha certeza quanto a Bolan ou Bowie. Quanto a Freddie, isso nem me ocorreu: só o considerei um artista fantástico, extrovertido e extravagante.

Vi um show do Queen no início da carreira, no Birmingham Town Hall. Todos eles usavam trajes brancos de Zandra Rhodes, e foi incrível. Começaram com “Now I’m Here” e lá estava a silhueta de Freddie sob um holofote à esquerda do palco.

“*Now I’m here...*”, cantou ele.

O holofote se apagou e outro se acendeu, do lado direito do palco – e lá estava Freddie, cantando debaixo desse também!

“*Now I’m there...*”

Como eles fizeram isso?

Era um sócia? Um boneco de papelão? Mesmo tendo trabalhado como iluminador, eu não fazia ideia, mas aquilo era brilhante. Os holofotes se alternavam e Freddie aparecia em ambos os lados do palco... e então, de repente, ambos se apagaram e *lá estava ele*, no centro do palco, bradando a canção a plenos pulmões. Incrível!

Foi a minha fixação por Freddie que levou à ideia ultrajante que nosso empresário teve em seguida. Corky organizou um ensaio fotográfico para a banda, e Sue me fez um permanente suave

*image
not
available*

Howells não revelou muita coisa naquela noite, mas chegou a dizer a Corky que não *se importava* com o nosso visual, mas adorava o nosso som. Fizemos a nossa parte, e agora só podíamos esperar a decisão dele. Em todo o caso, tínhamos algo importante a cumprir.

O Judas Priest estava prestes a fazer seus primeiros shows no exterior.

O falatório de Corky se tornou realidade e ele de fato conseguiu transformar o Priest numa banda internacional ao arranjar duas semanas de shows na Holanda e na Alemanha. Estávamos totalmente ansiosos na balsa até Calais e no caminho até a Holanda de carro. Como qualquer banda jovem em sua primeira empreitada no estrangeiro, nos sentíamos como um exército invasor. *Estamos aqui para fazer rock e para conquistar!*

Os shows foram ótimos, e eu fiquei com a impressão de que os fãs europeus *entendiam* nossa música melhor do que o pessoal do Reino Unido. Fomos bem recebidos, especialmente na Alemanha, um país muito heavy metal, onde ficamos bons em pedir *vier eier und pommes*: quatro ovos com fritas.

Algumas semanas depois, no final de março de 1974, fizemos duas semanas na Noruega, e começamos com uma viagem de barco noturna de Newcastle até Stavanger. Não fazíamos ideia de que poderíamos ter reservado uma cabine. Em vez disso, passamos a noite toda no convés, tremendo com o frio do Atlântico Norte e bebendo que nem uns idiotas para nos manter vivos. *Perfeito!*

Essa turnê foi uma lição bem objetiva sobre como fazer as coisas com a cara e a coragem. Corky ficou no Reino Unido e marcava os shows, enquanto viajávamos. Isso décadas antes do surgimento dos celulares, então tínhamos de seguir uma estranha rotina para descobrir aonde deveríamos ir em seguida.

Corky nos dava um horário determinado para ligarmos para ele. Ao atender, ele berrava: “Tem uma caneta? Rápido, anota aí os

*image
not
available*

sem firulas eram meio chatos, e sugeriu que incluíssemos um quinto membro. Será que consideraríamos um tecladista? Ou um saxofonista?

Rebatemos com firmeza essas ideias vagas, mas outra sugestão dele nos fez parar para pensar. Que tal um segundo guitarrista?

Humm. Talvez agora esteja ficando interessante...

Ouvíamos muita música, e uma banda que todos nós curtíamos era o Wishbone Ash. Tinha dois guitarristas, Andy Powell e Ted Turner, e as harmonias das duas guitarras solo soavam incríveis em álbuns como *Argus*. Ken, em particular, era muito fã do som deles.

Esse foi um fator crucial. Obviamente, Ken seria o membro da banda mais afetado, caso um segundo guitarrista entrasse, e muitos guitarristas protegem seu território de forma ferrenha. Porém, por um mérito enorme dele, Ken gostou da ideia e disse estar disposto a tentá-la.

Foi aí que Corky sugeriu Glenn Tipton.

Eu não o conhecia pessoalmente, mas já tinha ouvido falar dele. Tocava guitarra num trio de hard rock de Birmingham chamado The Flying Hat Band, que fazia muitos shows na região e tinha uma base sólida de fãs. Eu já tinha visto um desses shows e achei OK. Decidimos entrar em contato com ele.

Ken e eu fomos a um show da Flying Hat Band para dar uma olhada atenta. Parecia haver algo de especial em Glenn. Alguns dias depois, Ken, Ian e eu estávamos na Wasp Records, uma loja de discos em Birmingham, quando, coincidentemente, Glenn apareceu. Sem dizer nada a Ian ou a mim, Ken se dirigiu até ele, se apresentou e foi direto ao ponto:

“Olá, Glenn. Nós somos o Judas Priest. Temos um contrato de gravação. Você gostaria de entrar na banda?”

Batemos um papo com ele. Glenn ouviu em silêncio e não falou muita coisa. No entanto, percebi que uma afirmação em particular

*image
not
available*

“Certo, então é melhor eu começar a master”, disse ele, e subiu alegremente para o andar de cima do estúdio.

Nós nos entreolhamos, estupefatos. Achávamos que masterizar um LP era um processo longo e cuidadoso, não algo que você acorda e vai fazer em 1 hora. De todo o modo, Rodger tinha pedigree. *Ele deve saber o que está fazendo*. Entramos na van e voltamos para Walsall.

O álbum foi uma decepção em muitos sentidos. Não gostamos do título, *Rocka Rolla*, mas era o nome do primeiro compacto e, naquela época, era assim que funcionava. *Definitivamente* não gostamos da capa, uma paródia do logo da Coca-Cola numa tampinha de garrafa. Uma merda, nada a ver com heavy metal.

Mas a decepção maior foi com o *som* do álbum. Quando o ouvimos, parecia fraco e diluído, não como o disco que achávamos que estávamos fazendo. No estúdio, fomos com tudo, comigo gritando a todo volume e com Ken e Glenn disparando *riffs* como se fossem balas de metralhadoras duplas. No entanto, a produção de Rodger perdeu essa força e deixou o som... morno.

Ainda assim, era empolgante ter um álbum lançado. Lembro da minha única cópia em vinil (valeu, Gull!) chegar pelo correio na Kelvin Road. Foi maravilhoso ver o quão orgulhosos meus pais ficaram ao segurar o disco. Eu também estava orgulhoso... mas ainda sentia que fora uma oportunidade perdida.

Essa impressão se confirmou quando o álbum se consolidou feito prego na areia. Foi mais uma *fuga* do que um lançamento para o mundo do rock. Não chegou nem perto das paradas e praticamente não foi tocado no rádio.

Demos um punhado de entrevistas que não nos ajudaram em nada. Uma resenha na revista *Sounds* dizia: “Não larguem seus empregos regulares”, o que era uma pena, porque eu já tinha largado. Uma entrevistadora chegou convencida de que nos

*image
not
available*

Estávamos a caminho de um show em Stuttgart, mas conflitos no Oriente Médio haviam causado uma crise petrolífera, e só caminhões de grande porte e veículos de serviço eram permitidos nas *autobahns*. A estrada parecia um rink de patinação enquanto seguíamos pelos montículos de neve a 30 km/h.

Fazia tanto frio, que o diesel congelou no motor. A van deu uma última escorregada pela folha de gelo e parou por completo. *Porra! E AGORA, o que fazemos?*

Ken, Glenn e John bravamente se ofereceram como os capitães Oates¹⁸ e saíram nas temperaturas abaixo de zero para buscar ajuda. Ian e eu ficamos na van para cuidar dos equipamentos e esperar por eles.

Eles demoraram uma porra de uma eternidade. A princípio, Ian e eu nos sentamos nos bancos da frente, fitando a tempestade ao nosso redor. Ficou muito frio, e nós fomos para os fundos da van e nos enterramos debaixo de montanhas de cobertores em cima de dois colchões.

Horas se passaram. E depois, mais algumas horas. Não havia nada para comer ou beber e estávamos prestes a ter hipotermia. Apagamos e dormimos. Quando despertei, foi como acordar num iglu. Havia cristais de gelo por toda a van. Olhei para Ian, que ainda dormia. O cabelo comprido dele estava congelado sobre seu rosto.

Onde diabos eles estão? Terão eles morrido na tempestade?

Ian acordou e nós nos arrastamos para a frente da van de novo... e então os vimos. Três silhuetas apareceram na neve no horizonte, vindo com dificuldade em nossa direção. E pareciam carregar alguns itens. Eram... uma caixa? E uma garrafa?

Ken, Glenn e John abriram a porta e caíram para dentro da van. Estavam fedendo a álcool e traziam uma garrafa de scotch e uma caixa de chocolates.

*image
not
available*

de não termos dinheiro, tentamos incluir um elemento de espetáculo no nosso show.

Eu queria desfilar pelo palco com o microfone sem precisar de fato segurá-lo, então peguei um cabo de vassoura, pintei de vermelho, limei e coleí o cachimbo do microfone na ponta. *Voilà!* Um cajado estiloso de pedestal de microfone! Colei pequenos espelhos retangulares nele com cola de contato, como o chapéu que o Noddy Holder usou no *Top of the Pops*. Levei horas para fazer isso.

Também fizemos experimentos com gelo-seco rudimentar, improvisado com zero cuidado com saúde e segurança, com bombas de fumaça de uma loja de equipamentos militares. Um camarada chamado Kosha, que às vezes nos ajudava como *roadie*, acendia o apetrecho atrás da bateria de John e espalhava a fumaça pelo palco.

Naquela época, o xodó de Ken era o fedora branco que ele usou na TV, que tinha até uma caixa apropriada para ser transportado conosco na van. Num determinado show, de repente ouvi Ken gritar furiosamente no meio de uma música, olhei de lado e o vi soltando os cachorros para cima de Kosha, que estava usando o fedora para abanar a fumaça pelo palco.

Como todo bom *roadie*, ele não lavava as mãos havia alguns dias. Estavam encardidas, e o chapéu de Ken, sempre imaculado, agora estava todo manchado e amassado. Tentei ficar sério, mas não tive sucesso.

Foi durante essa sequência de shows que recebemos a notícia altamente surpreendente de que íamos tocar no festival de Reading.

A oportunidade surgiu de um jeito bastante inesperado, e tenho de contar essa história com muito cuidado. Num show no norte do país durante essa turnê, um camarada que viajava conosco conheceu um cara no público que disse ser um dos produtores do festival de Reading e pediu recomendações de bandas novas e boas. Foi só quando estávamos na van, voltando para casa depois do show, que

*image
not
available*

O Yew Tree era um conjunto habitacional tranquilo, e a maioria das casas na Larchwood Road tinha um carro na frente, o que significava que nossos amigos não achavam lugar onde estacionar. Ouvimos muitas buzinas e berros enquanto eles davam voltas e mais voltas no quarteirão.

Já completamente bêbado, pensei: *Quem poderia resolver essa situação melhor do que um guarda de trânsito?* Assim, corri lá fora, na minha fantasia de guarda, de meia-calça rendada e salto agulha, e comecei a orientar o tráfego e a soprar meu apito. Todas as cortinas da rua começaram a ficar inquietas.

Depois que a festa começou, a fumaça de maconha dominou a casa. Eu não sabia que a erva era cultivada em casa: Nick estava plantando cannabis na nossa estufa.

Eu não fazia ideia disso até o dia em que o encontrei secando as folhas no forno. “O que você está cozinhando, cara? Tem cheiro de baseado!”

“Estou fazendo jardinagem”, respondeu ele, com um sorriso largo. E *aí* a ficha caiu.

A princípio, fiquei preocupado, porque cultivar maconha era um crime sério e nós poderíamos ir todos para a cadeia. Mas os rapazes fardados nunca bateram à nossa porta (com ou sem salto agulha) e eu passei a apreciar o fato de o nosso suprimento ser tão conveniente.

Nick adorava um baseado. Gostava de ligar um pedaço de haxixe aos dois fios de uma bateria de carro e colocá-lo dentro de uma grande campânula de hospital, com um buraco em cima, para usar como um *bong* gigante. Ele queimava a erva, a campânula se enchia de fumaça, e ele então enfiava um canudo pelo buraco e inalava tudo de uma vez. Nem tossia. Eu raramente experimentava – a única vez que experimentei, engasguei e tossi feito um tuberculoso.

*image
not
available*

Quando ele desceu, uns 2 minutos depois, Glenn foi direto ao ponto: “Sinto muito, mas trago uma má notícia. Decidimos tirá-lo da banda”.

John era bom em carpintaria e fizera uma caixinha bacana para guardar alguns dos cabos da banda enquanto estivéssemos na estrada. A caixa estava no chão da sala e, assim que Glenn deu a má notícia, John começou a chutá-la.

“Bom, vocês não vão ficar com *isto aqui*, então!” Chutou a caixa vigorosamente mais algumas vezes contra o rodapé, começou a chorar e correu para cima. Glenn podia ouvi-lo soluçar. “*Er*, vou indo, John!”, gritou do corredor, e foi embora dali bem rápido.

Era uma história triste, e eu fiquei chateado por John ao ouvi-la. Ser chutado de uma banda é uma merda.

Precisávamos encontrar um substituto logo e, por sorte, havia um à mão: Alan “Skip” Moore, um dos primeiros bateristas do Priest, de antes de eu entrar, voltou a assumir o posto. Eu não conhecia Skip^c, mas ele era um cara ótimo, calmo e sossegado, e se encaixou de volta na banda sem muito esforço.

OK. Agora era a hora daquele segundo álbum – e, a essa altura, recebemos uma notícia bombástica. David Howells nos informou que queria que o disco fosse produzido pelo... Typically Tropical, que rendera a Gull um compacto de número 1 naquele verão com aquele reggae falcatrua!

De início, ficamos ultrajados com essa decisão sem noção. *Somos uma banda de heavy metal! Não tocamos pop caribenho de piada, caralho!* Porém, depois de nos acalmarmos, nos demos conta de que fazia mais sentido do que parecia.

O Typically Tropical era uma dupla de produtores de estúdio e engenheiros de som, Max West e Jeffrey Calvert. Quando os conhecemos no Rockfield Studios, em Monmouthshire, no País de

*image
not
available*

uma unidade afiada, e Glenn, em particular, vinha trazendo algumas boas ideias musicais novas.

Assim, estávamos num ponto alto quando entramos no Ramport Studios, na zona sul de Londres, no início de 1977, para gravar o álbum que se tornaria *Sin After Sin...* sobretudo por quem era o produtor.

A CBS nos juntou a Roger Glover, o então ex-baixista de uma das nossas bandas favoritas, o Deep Purple, e o homem que deu o título a “Smoke on the Water”. A primeira tarefa dele foi nos ajudar a resolver um problema de RH.

Alan Moore fez um bom trabalho em *Sad Wings of Destiny*, mas ainda não estávamos totalmente satisfeitos. Isso significava que íamos começar nosso terceiro álbum sem baterista. Roger Glover nos tirou desse impasse ao nos apresentar um jovem prodígio chamado Simon Phillips. Embora fosse basicamente um músico de estúdio, Simon era de fato um baterista brilhante, que compreendia o que queríamos no começo de cada música e acertava na mosca de primeira. Era também simpático, sensato e um parceiro de trabalho perfeito, apesar de ter apenas 15 anos.

“Vocês gostariam que eu repetisse?”, perguntava ele depois de gravar mais um primeiro *take* impecável. “Não, você foi ótimo, cara, já está bom!”, dizíamos. Simon era, de longe, o músico – e o ser humano – mais maduro naquele estúdio.

Começamos as sessões de *Sin After Sin* bastante impressionados com Roger Glover e nos sentíamos privilegiados por ter a oportunidade de trabalhar com ele. Em questão de uma semana, o despedimos.

Não foi culpa de Roger. Ele não estava fazendo nada de errado, mas, depois de termos coproduzido *Sad Wings of Destiny* com o Typically Tropical, sentíamos que sabíamos como captar o som da

*image
not
available*

estava disposto a nos deixar divulgar nosso compacto na BBC para 15 milhões de pessoas? Maravilhoso – vamos nessa!

Foi, de longe, a coisa mais *mainstream* que havíamos feito até então, e me perguntei se essa exposição mudaria minha vida cotidiana. Será que eu me tornaria uma figura pública, uma *celebridade*, obrigada a dar autógrafos sem parar e incapaz de andar por Walsall sem ser perseguida?

Não precisava ter me preocupado. *Ninguém ligou*. Até hoje me param e pedem para tirar foto comigo nos EUA, mas isso *nunca* acontece em Walsall. As pessoas me notam, mas pensam: “*Ah, não vamos incomodar o cara! Ele está de folga – vamos deixá-lo em paz!*”. É uma coisa linda, pela qual sou muito grato.

Em todo o caso, eu não teria tempo para desfrutar do meu (cof-cof) recém-descoberto status de *pop star*. Ficaríamos na estrada ao longo do ano de 1979 praticamente inteiro. Olhei no calendário e tínhamos quase 140 shows pela frente.

Como não teríamos tempo de gravar um novo álbum em 1979, a CBS bolou um plano de contingência. Começaríamos a turnê no Japão, e a gravadora providenciou para que dois dos shows em Tóquio fossem registrados e transformados num álbum ao vivo – *Unleashed in the East* –, a ser lançado mais adiante no ano.

Eu não tinha objeções contra gravar um álbum ao vivo, mas tive minhas dúvidas quanto ao *timing*. Minha voz não estava na melhor forma no Japão, em parte porque eu não conseguira dormir. Sempre sofri de insônia e, depois dessa viagem em particular, enfrentei provavelmente o pior *jet lag* que já tive.

Antes de um desses shows, passei literalmente a noite inteira acordado, sem fechar os olhos 1 minuto sequer. Fiz os shows com o esforço de um velho de guerra, mas tive um certo receio de que as gravações seriam desperdiçadas.

*image
not
available*

Midlands, numa das primeiras apresentações da turnê, acho que em Derby.

Chegamos ao local à tarde para a passagem de som e observávamos nossa equipe transportar o equipamento por uma viela estreita, ao lado do teatro. Vi algumas motos estacionadas mais adiante na viela e *PING!* Uma lâmpada se acendeu na minha cabeça.

“Aí, caras! Não seria demais se, hoje à noite, quando tocarmos ‘Hell Bent for Leather’, eu entrasse no palco numa moto?”

“Você está é bem doido, isso, sim!”, foi o consenso geral. “Vamos nessa!”

Dei um tempo do lado de fora até que um motoqueiro apareceu para dar uma olhada em sua moto, e eu então perguntei se poderia pegá-la emprestada. O cara era um grande fã do Priest, então topou com gosto. Conduziu a moto para dentro da casa e a estacionou nas coxias.

O resultado foi eletrizante. Quando me sentei na moto e pisei fundo no acelerador no começo da música, o público tomou o maior choque. Entrei no palco diante de um mar de rostos perplexos:

“Hein? O que é esse barulho? Parece uma... puta que pariu, ele entrou no palco de moto!”

O lugar foi à loucura. A partir desse momento, a moto se tornou um dos nossos rituais e nossos fãs passaram a adorá-la e a esperar por ela. A Arnakata teve algumas dores de cabeça, já que precisou negociar com cada local de show a permissão para usarmos a moto, mas valeu a pena – era um espetáculo tão incrível!

Depois do sucesso de “Take on the World”, a CBS lançou “Evening Star” como o compacto seguinte de *Killing Machine*. O lançamento rendeu mais um convite para o *Top of the Pops*. Tínhamos um show no mesmo dia, no Birmingham Odeon, mas achamos que não haveria problema em fazer ambos.

Errado.

Houve muita, mas muita enrolação no *Top of the Pops* naquele dia.

Tomamos horas de chá de cadeira. Houve passagens de som; ensaios gerais; passagens ao vivo. Tiveram problemas técnicos: sabe lá Deus quais. E o tempo foi passando.

Fomos ficando cada vez mais preocupados: “Que inferno, vocês viram que horas são?”.

Intimei um produtor que passou por nós: “Olha, amigo, que horas vamos gravar? Temos um show para fazer!”.

“Sim, sim, daqui a pouco!”, ele me assegurou e então sumiu. Mais meia hora se passou.

Chegaram as 6h da tarde e nós sabíamos que não conseguiríamos atravessar o trânsito de Londres na hora do rush e pegar as estradas M1 e M6 até Birmingham a tempo. Uma mulher da Arnakata estava no estúdio, grudada no telefone. Conseguiríamos alugar um avião? Um helicóptero? Escolta policial? Ela tentou sem sucesso.

Enfim gravamos, mas só chegamos ao Birmingham Odeon com 1 hora de atraso em relação ao horário em que deveríamos estar no palco. Alguns fãs haviam desistido e ido embora, pensando que não fôssemos aparecer, e quando enfim entramos, houve algumas vaias isoladas. *Na nossa cidade natal!* Nós nos sentimos péssimos com todo aquele fiasco.

Depois das apresentações no Reino Unido, tivemos um raro mês sem show nenhum, o que nos deu a chance de mixar *Unleashed in the East*. Quando ouvimos as gravações dos shows de Tóquio, meus piores medos se mostraram reais.

A CBS nos juntou a um cara chamado Tom Allom para produzir o álbum. Ao longo das semanas seguintes, nos tornaríamos irmãos de sangue e travaríamos uma relação profissional longa e produtiva com Tom, o que, a julgar pelas nossas primeiras impressões, não parecia provável.

Alguns anos mais velhos do que eu, Tom Allom falava com uma articulação perfeita e era a pessoa mais sofisticada que eu já conhecera. Poderia ser um membro menos conhecido da família real ou um militar – daí seu apelido, “o Coronel”.

Porém, superada essa postura aristocrática, Tom era um grande cara, e muito rock ‘n’ roll. Curtia o Priest e o metal, e *entendeu* a banda logo de cara. Ao contrário de alguns produtores, ele sabia ler música e tocava piano, o que nos impressionou fortemente.

Tom se tornou membro da família Priest desde o nosso primeiro encontro, mas teve que suar para mixar *Unleashed in the East*. A banda estava afiadíssima, mas minha voz atirava para todo o lado. Dava para ouvir o *jet lag* e a fadiga enquanto eu me esforçava para alcançar as notas e morria na praia.

Estávamos mixando no complexo de estúdios de Ringo Starr, em Tittenhurst Park, uma casa de campo deslumbrante, da Era Georgiana, nos arredores de Ascot. Ringo comprou a propriedade de John Lennon e Yoko Ono, e era emocionante estar lá – mas não tínhamos tempo para nos deslumbrar. Havia uma crise a ser controlada.

Tom deu o melhor de si, mas nem ele foi capaz de transformar merda em ouro, e eu não conseguia suportar a ideia dos fãs do Priest me ouvirem em tamanha má forma e tão desafinado. Com uma careta ao ouvir as fitas, tomei uma decisão.

“Escutem só, caras. Vou entrar na sala de gravação com um microfone, e vou cantar o álbum do início ao fim. Vamos gravar e ver se conseguimos usar para alguma coisa.”

Foi exatamente o que fiz. Os vocais ficaram infinitamente melhores e Tom os mixou com a performance da banda ao vivo em Tóquio. Mantivemos isso em segredo por anos, e quando veio à tona – porque o linguarudo aqui deixou escapar numa entrevista! –, os fãs passaram a chamar o álbum de *Unleashed in the Studio*.

Meus vocais regravados foram controversos por um curto período de tempo – mas a nossa consciência estava limpa. Não tínhamos tentado enganar os fãs: só não queríamos lançar um disco inferior do Priest, pois isso os teria enganado muito mais.

Nosso longo ano na estrada recomeçou e nós fomos à Irlanda pela primeira vez, para tocar num festival em Dublin, com o Status Quo. Já conhecíamos o Quo e eles eram caras legais, mas quase não entramos no palco para abrir para eles, porque o festival se transformou num duelo.

Os produtores do evento e a polícia irlandesa disseram que eu não poderia subir com a moto no palco de jeito nenhum. Aparentemente, pensavam que isso poderia desencadear um tumulto no público, o que eu achei uma grande baboseira. Os fãs estavam à espera da moto e nós não queríamos decepcioná-los.

Nunca na história do Priest alguém deu uma de diva, *nem eu*, mas, nessa ocasião, batemos o pé: *se não pudermos usar a moto, não entramos no palco*. O impasse durou até a hora do show... quando os organizadores enfim cederam. O rugido do público quando eu entrei com um *vrum* no palco mostrou que havíamos feito a coisa certa.

Dublin seria o último show que Les Binks faria conosco. De súbito, nosso baterista nos deixou. Foi uma surpresa e eu não tinha muita certeza do que havia por trás disso, embora, anos depois, Les viesse a dizer a Ken que foi devido a desentendimentos financeiros com a Arnakata.

Eu gostava de Les, e no fim ele havia até dispensado as camisas de cowboy, mas, para ser sincero, não senti tanto sua saída. Achava-o meio que um *baterista para bateristas*, desses que talvez se interessem mais em afiar a técnica do que se conectar com o coração e a alma da música do Priest.

Seu substituto, Dave Holland, tocava no Trapeze, banda da qual gostávamos, mas trocou-a por nós de bom grado quando o

sondamos. Assim que ele chegou, apreciei as diferenças que tinha de Les, que havia nos trazido complexidade, é claro, mas Dave nos deu simplicidade, ímpeto e *potência* – e era disso que precisávamos.

Dave estava a postos naquele outono, quando voltamos aos EUA para mais uma série de shows, dessa vez para promover *Unleashed in the East*. Os primeiros foram em arenas e em um ou outro estádio, aqui e ali, como banda de abertura da verdadeira realeza do rock americano: o Kiss.

Quando nos ofereceram esses shows, ponderamos muito. O Kiss não era uma banda de metal, e não éramos almas gêmeas musicais. Mas Gene Simmons e Paul Stanley adoravam o Priest e haviam nos solicitado pessoalmente, o que era lisonjeiro, e a oportunidade de chegar a centenas de milhares de novos fãs era irrecusável.

O Kiss Army é notoriamente difícil de agradar, mas nos demos bem. Só tocávamos 30 minutos, então atacávamos com toda força, puro metal. As plateias nos aceitavam porque éramos ferozes, comprometidos e tínhamos uma imagem marcante.

Embora Gene e Paul curtissem nossa música, não os víamos muito fora do palco. Porém, fiquei empolgado com o fato de Gene estar namorando Cher, que é uma figura gigante para os gays. Eu vivia inventando desculpas esfarrapadas para chegar perto dela só para dar um oi.

Enquanto abríamos os shows do Kiss, a CBS lançou *Unleashed in the East*. Não fazíamos ideia do quanto o álbum ia vender – suponho que não tínhamos nenhum parâmetro para isso –, então nos surpreendemos quando ele entrou no top 10 no Reino Unido e até conseguiu um lugar na Billboard 200 nos EUA!

O quê? Um álbum ao vivo? Sério? Parecia que tudo o que tocávamos virava ouro, quase não conseguíamos processar.

Eu estava prestes a viver uma experiência que seria ainda mais difícil de assimilar. Depois que os shows com o Kiss acabaram,

fizemos algumas apresentações como *headliners* em teatros e arenas no Texas, no Canadá e na Costa Oeste, e encerramos com um show num velho conhecido: o Palladium, em Nova York.

A CBS nos deu uma festa de fim de turnê no Mudd Club, casa onde tocamos no início da viagem. Tocamos um *set* curto depois da meia-noite e, enquanto soltava a voz no palco, não pude deixar de notar o cara que tirava fotos bem à minha frente.

Era um sujeito pequeno, mais velho, de cabelos branquíssimos. Fotografava com uma câmera Olympus minúscula e era a cara do...

Espera, não é só parecido com ele: É ele! Andy Warhol!

Eu sabia tudo a respeito de Warhol, era um grande fã de sua *pop art* e de seus filmes de vanguarda. Para mim, ele *era* Nova York, no sentido mais puro e artístico. Para ser franco, quando me apresentaram a ele depois do nosso *set*, fiquei bem impressionado enquanto fã.

“Olá, Andy!”, comecei. “Obrigado por ter vindo! Legal esse lugar, não? Já tocamos aqui no Mudd Club antes!”

“É mesmo?”, disse Andy, bem arrastado, ainda me fotografando enquanto falávamos. CLICK!

“Sim! Esta noite também tocamos para o Palladium lotado!”

“É mesmo?” CLICK!

“Sim. E eu sou um grande fã do seu trabalho! Amo!”

“É mesmo?” CLICK!

Eu já tinha tomado algumas e o estilo monossilábico dele de conversar começava a me dar nos nervos. Sempre ouvi dizer que Warhol era muito desajeitado socialmente, e falava muito pouco, e claramente era esse o caso. Mas mesmo assim... *eu estava conversando com o Andy Warhol, porra!*

Tentei uma estratégia nova de conversação.

“Adoro vir a Nova York, sempre!”

“É mesmo?” CLICK!

Certo. Era assim, então! Fiquei de saco cheio! Além do chicote, recentemente eu incorporara algemas ao meu figurino de palco, e havia um par preso ao meu cinto de rebites. Sabe-se lá por que, peguei-as, preendi uma no meu pulso e apertei a outra no pulso de Warhol.

Ele olhou para mim e deu um riso nervoso.

“Tenho uma má notícia para você, Andy.”

“É mesmo?”

“Perdi a chave!”

“É MESMO?” Eram as mesmas palavras, mas a voz dele definitivamente subiu em tom e intensidade nesse momento!

“Não, só estou brincando contigo, cara! A chave está aqui comigo!”, disse, ao tirá-las do bolso. Warhol pareceu muito aliviado.

“Ah, bom!”, sorriu.

Ele então variou o repertório de conversação o suficiente para sugerir que fôssemos ao Studio 54. Saímos do clube, chamamos um táxi amarelo, eu me sentei no banco traseiro com ele e nós partimos pelo trânsito de Manhattan das primeiras horas da madrugada.

Olhava absorto pela janela enquanto caía a ficha de onde eu estava e com quem eu estava. *Isso era real mesmo?* Eu não estava mais no Kansas – ou em Bloxwich! Quando chegamos ao Studio 54, Andy Warhol passou uns 2 minutos comigo... e sumiu. Desapareceu no meio da multidão. Nunca mais o vi.

Ainda tenho fotos daquela noite memorável e, quando olho para elas, uma coisa me chama a atenção: minha camiseta, que tinha um desenho de um famoso artista erótico gay, Tom of Finland, que retratava uma orgia homossexual explícita: um tumulto de paus eretos, bundas, felação e penetração anal.

Hoje, só me pergunto: *Que diabos eu estava pensando?* Ainda me encontrava firmemente no armário, e a ideia de sair dele ainda me apavorava, porém, aquela camiseta poderia muito bem ser um

letrero de neon sobre a minha cabeça com os dizeres “EU SOU GAY!”.

Se você quer ver uma imagem da angústia e do tormento que me tolheram por décadas no Judas Priest, nada é melhor do que aquelas fotos minhas com Warhol. Eu ansiava por me assumir e parar de viver uma mentira, mas não via uma forma disso acontecer.

Não é à toa que eu bebia pra caralho...

Nosso ano na estrada estava prestes a chegar ao fim. Tive menos de uma semana de folga em casa, na Larchwood Rose, onde me gabei para Nick, Michael e Denise de ter conhecido Cher e me algemado a Andy Warhol, e então chegou a hora de partir para o último braço da nossa odisseia: ir para a Europa abrir para o AC/DC, na turnê de *Highway to Hell*.

Essa seria importante para nós. Éramos grandes fãs dos roqueiros australianos, que já eram imensos. E, assim como na turnê do Kiss, sabíamos que se tratava de uma chance para nos apresentar para centenas de milhares de fãs de metal que talvez ainda não nos conhecessem. Tínhamos de fazer valer.

Em vez de gastar dinheiro com hotéis, decidimos alugar um micro-ônibus para o percurso que atravessaria a Bélgica, a Holanda, a Alemanha – MUITAS datas na Alemanha – e a França. Arrumamos um que era grande o bastante para acomodar a banda, a equipe de estrada e todo o equipamento.

Seria justo descrever essa decisão como uma falsa economia. Viajar desse jeito por dois ou três dias é OK, mas viver uns em cima dos outros por semanas a fio dá nos nervos. Ficamos abarrotados naquele micro-ônibus feito animais aprisionados e começamos a perder a cabeça.

Odiávamos aquela porra daquele micro-ônibus.

Fomos bem recebidos pelos fãs do AC/DC, mas não vimos muito da banda. Normalmente, depois do nosso show, tínhamos de partir e

dirigir noite afora até a próxima cidade. Depois de alguns dias fazendo isso, Angus Young nos procurou.

“Vocês *não gostam* da gente?”, perguntou ele.

“Hein? Como assim?”

“Vocês nunca socializam com a gente!”

“Ah, nós adorariamos!”, asseguramos. “Não é nada pessoal! Temos de ir embora logo depois de tocar porque estamos viajando e vivendo num micro-ônibus de merda!”

“Ah, esqueçam isso!”, disse Angus. “Viagem conosco no *nosso* ônibus e tomem umas cervejas!”

Quando nos demos conta de que o “ônibus” deles era um veículo de luxo top de linha, com ar-condicionado e todo tipo de conveniência moderna, topamos sem pestanejar.

Assim, na maioria das noites, passamos a acompanhá-los. Todos os caras do AC/DC eram ótimos, muito generosos e companhias fantásticas. Bon Scott e eu nos demos bem horrores, dois cantores de metal que falavam mais do que a boca naquele ônibus de turnê (que era mesmo *muito* mais luxuoso do que o nosso).

Angus Young raramente bebia. Perguntei por que não dava nem um gole. “Porque só de tomar uma dose eu já fico trançando as pernas”, ele respondeu. Não sei se ele estava brincando, mas certa noite pude testemunhar que não, não se tratava de uma brincadeira. Ele tomou literalmente uma taça de champanhe e em questão de segundos já estava caindo de bêbado. Virou outra pessoa diante dos meus olhos.

Bon Scott era o completo oposto. Bebia *o tempo todo*: era um poço sem fundo para álcool. Bebia até cair na cama e apagar, e então no dia seguinte levantava e ia direto para o palco. Era assim que ele funcionava.

Bon também nunca parecia abatido. Parecia indestrutível. Ao final da turnê de *Highway to Hell*, todos do AC/DC e do Priest se

abraçaram, e prometemos que ainda faríamos mais turnês juntos. Quatro semanas depois, Bon teve uma overdose³¹ e morreu, o que nos deixou seriamente abalados.

O Priest encerrou 1979 exausto, mas em êxtase. *Que ano!* Tivemos um álbum e compactos de sucesso, viajamos pelo globo com algumas das maiores bandas de rock do mundo, ganhamos incontáveis fãs novos... e eu havia me algemado ao Andy Warhol.

Lembro-me de pensar que era difícil imaginar como as coisas poderiam ficar ainda melhores. O quão errado eu estava, porque estávamos prestes a gravar o álbum que nos lançaria numa supernova.

29 “Coloquem-se nas nossas mãos, para que nossas vozes se façam ouvir / E juntos tomaremos todo o mundo!”

30 *Numa tradução totalmente livre e ao pé da letra, hell bent for leather significaria algo como “de couro a caminho do inferno”. A expressão data do século 19 e significa se mover em alta velocidade, de forma determinada e inconsequente; hell bent é o termo que dá a ideia de ímpeto, determinação, velocidade, inconsequência, e leather se refere ao couro da sela de um cavalo ou do chicote usado para acelerar o cavalo. (N. do T.)*

31 *A causa mortis de Bon Scott amplamente divulgada e conhecida é por intoxicação alcoólica, o que, é claro, não deixa de ser uma overdose, embora o termo seja mais comumente associado a outros tipos de drogas mais pesadas. Porém, há relatos posteriores e suspeitas de que ele teria morrido de overdose de heroína. (N. do T.)*

9

Glória, glória, *glory hole*

Às vezes, não há nada como ir para o campo e colocar as ideias no lugar.

Depois de desopilarmos em Walsall e Birmingham durante as festas de fim de ano de 1979, chegou, como de costume, a hora de voltar ao estúdio. Para meu deleite, voltaríamos a nos reunir a Tom Allom em Tittenhurst Park, a casa de campo de Ringo Starr, onde havíamos mixado *Unleashed in the East*.

Da última vez que estivemos lá, passamos voando e eu ainda tive de lidar com o pânico ao desenterrar os meus vocais do show de Tóquio, então não tive muito tempo para dar uma boa olhada na propriedade. Agora, ficaríamos lá por um mês e eu pude vasculhá-la – e adorei o que vi.

Glenn e eu éramos dois fanáticos pelos Beatles, então significava muito para nós o fato de Ringo tê-la comprado de John e Yoko, que haviam morado lá. Partíamos em missões de reconhecimento, um para cada lado da mansão, e depois nos reuníamos, sem fôlego, para contar um ao outro o que havíamos encontrado.

No primeiro dia, Glenn me disse: “Você tem que vir ver isso aqui”. Ele me mostrou um quarto bastante comum – o pulo do gato era o banheiro anexo. Havia dois vasos, a um metro e pouco de distância um do outro, com placas na parede acima de cada um:

JOHN YOKO

Tentei imaginá-los sentados lado a lado, cagando de mãos dadas. Realmente, às vezes, o amor desconhece limites.

Ficávamos superempolgados ao fazer as refeições e compor na grande sala onde John e Yoko filmaram o clipe de “Imagine”. O piano Steinway branco que John tocava já não estava mais lá há muito tempo, mas as persianas que Yoko abre no clipe ainda eram as mesmas.

Certo dia, estávamos comendo e assistindo à TV com Tom nessa sala, e começou a passar o clipe. Foi insano olhar à minha volta ao assisti-lo e pensar: “*Uau! Estou exatamente nesse mesmo lugar!* Bem, dizem que coisas simples agradam mentes simples...”.

Ringo parecia não ter mexido em nada na casa, exceto na sala de estar principal, onde ele desmanchou a lareira antiga e a substituiu por uma que parecia um enorme anel de aço inoxidável. Não combinava em nada com a casa... mas acho que ele gostava^a.

Tomei posse do quarto acima da sala de “Imagine”, porque queria uma vista do lago onde John e Yoko remaram um barco no clipe de “Jealous Guy”. Eu estava numa fase *fitness* e corria ao redor do lago quase todas as manhãs, e sempre os imaginava na água.

O álbum que viria a ser *British Steel* se mostrou um sonho de fazer desde o primeiro dia. Os astros estavam alinhados. Tom Allom era de uma organização impecável e sempre no comando de tudo como produtor, mas era também muito astuto e conhecedor das potências e das sensibilidades do Priest.

Sabia que tocar ao vivo era a força do Priest, em que muitas das nossas melhores ideias brotavam. Nos álbuns anteriores, gravávamos primeiro a bateria, e depois íamos somando todo o restante. Tom abandonou essa abordagem e nos colocou para tocar todos juntos no estúdio. Nunca havíamos feito isso, e foi mágico.

Além de ser um ótimo produtor, Tom também era um excelente engenheiro de áudio, que sabia como aproveitar um espaço ao máximo. Gravei a maioria dos vocais num armário de vassouras. Devo admitir que não pude deixar de notar certa ironia ao cantar dentro de um armário!

Ken, Glenn e eu começamos a compor em equipe pela primeira vez, o que foi um salto e tanto. Antes, apresentávamos ideias para as músicas individualmente, ou em dupla, e então distribuíamos de acordo os créditos das composições. Agora, todos os créditos diriam: Tipton/Halford/Downing. Isso era importante no sentido de eliminar atritos em potencial, caso algum de nós achasse que suas ideias eram ignoradas ou subestimadas. Acho que bandas se separam por ressentimentos a respeito de *royalties* de composição mais do que por qualquer outro motivo.

O Priest sempre esteve ciente do que acontecia musicalmente ao nosso redor. Não fazíamos parte do movimento punk nem de longe, mas prestávamos atenção nele, e acho que seu ataque curto e afiado em músicas de 2 minutos e meio ou 3 minutos plantou a semente para o *British Steel*.

Tom nos ajudou a lapidar o processo que havíamos começado em *Sin After Sin*: cortar os excessos das músicas até que só restasse um cerne visceral, reluzente e metálico. Estripamos tudo até o osso: nosso *ethos* passou a ser “o mínimo é o máximo”.

Uma música de sonoridade bem punk que compusemos num tiro, logo no início, foi “Breaking the Law”. O Judas Priest nunca foi uma

banda política – não é a nossa praia –, mas essa canção é, sem dúvida, um exemplo de comentário social aguçado.

Apolítico de alma, fiquei bem indiferente quando Margaret Thatcher assumiu o poder no ano anterior, exceto por uma vaga noção de que ter uma mulher como primeira-ministra era algo bastante importante. Porém, em questão de alguns meses depois do início do governo dela, ficou óbvio que muita coisa ruim estava acontecendo.

As indústrias de base e as montadoras de carros nas Midlands e por todo o país enfrentavam dificuldades, e já se falava em fechamento de fábricas. O desemprego disparava. E o pior de tudo, milhões de jovens se viram sem esperanças e se sentiam ignorados.

Ao escrever a letra de “Breaking the Law”, tentei me colocar na mente de um rapaz desempregado prestes a perder a sanidade:

*There I was completely wasted, out of work and down,
All inside it's so frustrating as I drift from town to town,
Feel as though nobody cares if I live or die*³²

Minha tentativa não era de me declarar algum tipo de porta-voz, coisa que nunca fui. Mas via muita privação de direitos, raiva e anarquia ao meu redor, e quis documentar e refletir sobre isso.

“Grinder” foi outro arroubo de comentário social sobre como as pessoas são enganadas, usadas como marionetes, alimentadas pela máquina do capitalismo e por ela cuspidas como lixo. Também me vali de mais tensão sexual^b: “*Grinder, looking for meat...*”³³.

Numa noite fatídica, às 4h da manhã, eu tentava dormir enquanto Glenn estava com o amplificador ligado, brincando com um *riff* na sala de “Imagine”, logo abaixo do meu quarto. Suspirei, vesti meu robe e desci para ter uma palavrinha com ele.

“Que porra é essa, Glenn?”, questionei-o.

“Ah, perdão, eu te acordei?”

“Sim. Estou tentando dormir!”

“Vou abaixar o volume”, disse ele enquanto mexia no ampli.

Ao me virar para subir, alfinetei-o com um golpe final: “Você está é vivendo depois da meia-noite aqui embaixo, isso sim!”

Parei em seco. Abrimos sorrisos largos um para o outro. “Isso é um *puta* de um título para essa música!”, disse Glenn. No dia seguinte, escrevi a letra, que fala de cair na farra e se divertir. Tom pegou o clima logo de cara, e a faixa estaria prontinha antes da hora do chá.

Para “Metal Gods”, minha inspiração foi o robô gigante na capa do álbum *News of the World*, do Queen, bem como o filme *Guerra dos Mundos* e a ficção científica que eu ainda devorava. É uma canção sobre monstros do metal que obliteram a humanidade. Quem diria que dela surgiria meu apelido?

Abordamos uma vasta gama de assuntos nesse disco, de músicas festeiras rock ‘n’ roll, como “Living After Midnight”, a protesto social, passando por um hino do tipo “nós contra o mundo”, em “United”. Adorei como o álbum ficou bem redondo.

Tom Allom gostava que fizéssemos experimentos sonoros. O vidro se quebrando ao fundo em “Breaking the Law” foi Glenn esfaqueando garrafas de leite e cerveja na parede de fora do estúdio. Em “Metal Gods”, conjurei uma marcha de robôs ao chacoalhar uma gaveta de facas e garfos perto do microfone. Era trabalho, mas a sensação era de brincadeira.

Ao ouvir os *playbacks*, sabíamos que tudo estava dando certo. “Putá que pariu, está maravilhoso!”, Tom se empolgava naquele tom patricio. Nossa impressão era a mesma, sabíamos que aquilo ali era *especial*.

Agora só precisávamos de um título – e eu sabia precisamente o que queria. A caminho de um show no norte, olhei pela janela do

carro e vi um letreiro enorme na frente de uma fábrica: BRITISH STEEL. Aço britânico. Para mim, isso parecia resumir nosso álbum de todas as maneiras possíveis.

Um designer polonês, Rozlaw Szaybo, que já havia feito as capas de *Stained Class* e *Killing Machine*, nos deu a imagem de uma mão segurando uma lâmina gravada com nosso nome e o título do álbum. O design inicial dele trazia sangue escorrendo dos dedos cortados pela lâmina, mas achamos que ficaria mais durão sem o sangue:

Somos uma banda de heavy metal! Somos tão durões, que nem sangramos!

Escrevemos, gravamos, produzimos, mixamos e masterizamos *British Steel* em menos de trinta dias! Foi uma performance estupenda e, mesmo assim, não parecia apressada. Levou exatamente o tempo necessário para ser concluída.

Ao irmos embora de Tittenhurst Park, não poderíamos estar mais orgulhosos do nosso novo bebê – e eu não suportaria partir sem um *souvenir* da nossa estadia no ninho de amor de John e Yoko.

O armário onde eu despejei toda a minha angústia e gravei os vocais guardava todo tipo de parafernália dos Beatles e de Lennon. Fotos, discos de ouro e até fitas masters, além de um objeto que reconheci imediatamente.

Era um ornamento, um obelisco de acrílico de uns 45 cm de altura... que aparece no clipe de “Imagine”. Enquanto John toca piano, o enfeite surge num plinto, ao lado de Yoko, enquanto ela abre a persiana atrás do marido.

Uau! E lá estava ele!

Não pude acreditar no que estava vendo. Peguei-o e me senti segurando um pedaço da história da música. Tenho de admitir que o afanei da mansão para mostrar a alguns amigos em Walsall. Quarenta anos depois, aparentemente eu ainda o tenho^c.

British Steel viria à tona num ambiente midiático mudado. Já havíamos nos acostumado com os onanistas da imprensa musical zombarem e ridicularizarem o heavy metal rotineiramente. Agora, para a nossa surpresa, eles haviam elaborado toda uma cena para celebrá-lo.

O jornal *Sounds* foi o principal arquiteto por trás da New Wave of British Heavy Metal. As principais bandas que o movimento parecia celebrar eram Iron Maiden, Def Leppard, Motörhead, Saxon, Samson... e o Judas Priest.

Hoje, muitas bandas não gostam de ser cooptadas por movimentos manufacturados pelos jornalistas musicais e colocadas preguiçosamente em nichos, mas eu gostava da ideia daquela tal NWBHM. Concluí que, depois de anos sendo ignorado, seria legal o metal receber um pouco de atenção, para variar. Parecia uma validação.

A banda de abertura do nosso braço britânico da turnê de *British Steel* seria o Iron Maiden, uma das novas bandas celebradas pela imprensa. Na véspera do início da turnê, eles deram uma entrevista na qual o então vocalista, Paul Di'Anno, dizia que eles iam comer o Judas Priest toda noite no palco.

Isso não me incomodou nem de longe, porque a) ele estava errado, e b) esse era o tipo de coisa que bandas jovens arrogantes *deveriam* dizer! Tentamos fazer o mesmo com todas as bandas grandes para quem *nós* abrimos, por que então eles não tentariam? Achei engraçado.

Ken discordou. Ficou ofendido e ultrajado com o comentário, e exigiu que o Maiden fosse expulso da turnê. Dissemos que seria uma reação exagerada e desmiolada a uma observação debochada, mas ele ficou absolutamente lívido.

Amo muito Ken, mas ele guarda muito rancor e ficou mordido com o insulto do Iron Maiden para sempre. Quando os caras se

sentaram para nos ver passar o som antes de um dos primeiros shows da turnê, Ken tomou isso como uma afronta pessoal, por razões que eu nem sabia por onde começar a entender.

Não passamos muito tempo nem batemos muito papo com o Maiden naquela turnê, mas talvez eu tenha levado o comentário de Di'Anno sobre comer o Priest ao pé da letra demais... porque na única noite em que nos embebedamos juntos, tentei seduzi-lo! Fomos até o meu quarto para continuar a beber, mas eu estava chumbado demais para tentar qualquer coisa, e ele chumbado demais para sequer perceber que eu queria tentar.

Acho que *definitivamente* foi melhor assim.

Já estávamos em turnê quando a CBS lançou “Living After Midnight” como o compacto principal de *British Steel*. A música entrou na parada de compactos e nos rendeu um terceiro convite para o *Top of the Pops* no final de março. *Maneiro!* Só havia um problema. Tínhamos um show na mesma noite... no Birmingham Odeon.

O quê?!

De jeito nenhum! Depois de chegar 1 hora atrasados no ano anterior, de jeito nenhum íamos correr o risco de um segundo desastre! Pedimos à Arnakata para dizer à BBC: “Obrigado, mas não. Estamos em turnê e não podemos participar”.

Isso não pegou muito bem. *Ninguém* recusava o *Top of the Pops!* A CBS e os empresários ficaram horrorizados com a nossa postura e imediatamente armaram um conversa mole para nos convencer a mudar de opinião. Será que nós não tínhamos *ideia* do quanto isso poderia impulsionar *British Steel*? Eles garantiriam que os produtores ficassem cientes da nossa situação. Sairíamos de lá, no máximo, às 6h da tarde em ponto.

Aquilo não ia acontecer de novo. Promessa.

Foram completamente resolutos e nós, contra nossos instintos, caímos na lábia deles. *OK, OK! Vamos fazer!* No dia 27 de março de 1980, retornamos ao BBC Television Centre.

E aconteceu tudo de novo.

Foi um pesadelo total. Aconteceu exatamente a mesma história da outra vez: produtores tronchos correndo de um lado para o outro, falhas técnicas, horas e mais horas de espera no camarim, depois preocupação, depois o pânico à medida que íamos perdendo a cabeça.

Como é que isso pode estar acontecendo de novo? Quem podemos demitir? Quem podemos MATAR?

Foi ainda pior do que da outra vez, porque só conseguimos sair de Shepherds Bush às 9h da noite. Quando chegamos ao Birmingham Odeon, já eram 23h – horário em que deveríamos sair do palco. *Merda!*

Quando nosso carro estacionou ao lado da casa, alguns fãs do Priest estavam ali fora fumando. Vieram para cima de nós com os dois pés.

“Ah, aí estão vocês, *caralho!* Já era hora!”

“Essa é a segunda vez que vocês fazem isso com a gente! *A segunda!*”

“Vocês não se importam com os fãs – acham que a porra do *Top of the Pops* é mais importante do que nós!”

Tudo o que pudemos fazer foi nos desculpar repetidas vezes e nos sentir uns merdas. Naquele exato momento, determinamos uma regra da banda: nunca mais iríamos ao *Top of the Pops* num dia em que houvesse show, regra essa que nunca quebramos.

Quando *British Steel* saiu, duas semanas depois, foi recebido com as melhores críticas que tivemos até então. E não foram só os críticos que gostaram. Na semana de lançamento, o disco disparou na parada de álbuns... e chegou à quarta posição.

Uau! Por *essa* não esperávamos! Pensamos que talvez o álbum pudesse ter um bom desempenho, mas isso superava todas as expectativas! Com os olhos grudados na parada na *Melody Maker*, atentei para os artistas que nos faziam companhia no top 10: Genesis, Status Quo e, hum, Boney M. Não havia engano, estávamos na primeira divisão.

Isso abriu portas para muitas experiências novas – uma das quais foi gravar clipes. Depois que “Living After Midnight” quase chegou ao top 10, a CBS lançou “Breaking the Law” na sequência e nos pôs em contato com Julien Temple para dirigir o clipe.

Temple já havia feito um clipe ao vivo de “Living After Midnight”, mas era mais associado ao punk. Fez “God Save the Queen”, dos Sex Pistols, e acabara de trabalhar no longa-metragem deles, *The Great Rock ‘n’ Roll Swindle*.

Um pouco como Tom Allom, Julien era sofisticado, sabia exatamente o que estava fazendo e era um excelente parceiro de trabalho. Apresentou-nos um *storyboard* para “Breaking the Law”: seríamos foras da lei e roubaríamos um banco armados com nada além de nossas guitarras velhas de guerra e do poder do metal.

Era fantástico. Julian me filmou dublando o vocal no banco traseiro de um Cadillac conversível marrom que percorria a Westway até Londres, e então colocou a banda, munida de guitarras feito metralhadoras, para aterrorizar clientes num Barclays Bank desativado no Soho.

Gravar o clipe reacendeu toda aquela chama dramática que me levou ao Wolverhampton Grand em primeiro lugar. Fui bem exagerado, sem medo de ser cafona – exagero com um toque adicional de breguice!

Enquanto “Breaking the Law” pairava pouco acima do top 10 – que inferno, isso estava virando hábito! –, fizemos uma série de shows na Europa na primavera. Não era difícil deduzir qual parte do

continente amava mais o Priest. Fizemos onze shows; nove deles foram na Alemanha.

As coisas estavam indo muito bem em casa, mas mesmo a essa altura eu era capaz de presumir que os EUA seriam o lugar mais significativo para nós em termos de sucesso. Os shows em teatros agora davam lugar aos shows em arenas, e *British Steel* seguiu o rastro de *Unleashed in the East* e chegou ao top 200 da *Billboard*.

Voamos para lá para dez semanas de shows naquele verão – o que me deu a chance de saciar uma das minhas proclividades sexuais mais ousadas.

Em 1980, eu me encontrava num momento muito estranho. Adorava fazer parte do Priest mais do que nunca; tínhamos gravado um álbum que eu considerava genuinamente uma obra-prima; nosso sucesso estava ficando sério em ambos os lados do Atlântico. Não havia como a nossa carreira ir melhor.

Porém, longe dos discos de ouro e dos shows lotados... todas as noites, quando eu apagava a luz e caía (trêbado, sempre trêbado) na cama em mais um quarto de hotel anônimo, ou (de vez em quando) no meu quarto, no Yew Tree Estate, me sentia frustrado e infeliz. E sozinho.

Fazia cinco anos desde o meu relacionamento com Jason. Com exceção de uma pegação rápida e aleatória aqui e ali, passei esse tempo todo sozinho... não apenas *sozinho*, mas forçado a suprimir meus desejos, minhas necessidades, *a mim mesmo*. Tinha de viver uma mentira sufocante, ou então acabar com a banda que eu amava.

Ao passar pela porta daquele quarto, eu era Rob Halford do Judas Priest, epítome de macho e deus do metal emergente. Dentro do quarto, eu era Robert John Arthur Halford, um triste rapaz do Black Country, de vinte e tantos anos, que ansiava pelo fruto proibido da companhia masculina.

Para mim, era impossível ter um parceiro como as pessoas não famosas, heterossexuais e *normais* – era *disso* o que eu sabia. O máximo que eu poderia esperar eram encontros casuais ocasionais com estranhos. E era hora de eu ir à caça.

Os primeiros dez shows nessa turnê pelos EUA foram, mais uma vez, no Texas. Eu estava ansioso para nossas apresentações como *headliners* no Will Rogers Auditorium, em Fort Worth, no Austin Opera House e no El Paso County Coliseum, e igualmente ansioso para visitar alguns banheiros de postos de gasolina nas estradas do Texas.

Nos EUA, os banheiros desses postos de gasolina, paradas de caminhão, são territórios de caça para homens gays à procura de encontros sexuais casuais. Os caras americanos “caçam” por essas paradas porque elas são afastadas, a uma distância segura de seus amigos ou (quase sempre) de suas esposas e famílias. Há poucas chances de serem vistos ou reconhecidos.

Há menos chance ainda se você nunca vir o rosto do cara que você está chupando ou que está te chupando! Perambular pelos banheiros é a foda sem zíper definitiva, para usar o termo de Erica Jong. Na época, devia ser impossível ser gay no viril estado do Texas, por isso que – segundo li no *Bob Damron's Address Book* – as paradas de caminhão lá eram especialmente movimentadas.

De romântico não tinha nada... mas eu sentia que era a melhor opção que se apresentava a mim. Era, na verdade, a *única* opção.

Por meio de tentativa e erro e das minhas visitas furtivas ao banheiro público ao lado da British Home Stores, em Walsall, aprendi o ritual. Primeiro, você acha um cubículo com um *glory hole* – um pequeno buraco entre dois cubículos, na altura da virilha. Depois, tranca a porta, se senta na privada e espera.

Espera, espera, depois espera um pouco mais. Em algum momento, um cara vai chegar e entrar no cubículo ao lado. Você

espera alguns segundos até que ele se sente, e então bate com o pé no chão. Bem suavemente.

TAP-TAP-TAP.

Em geral, não há resposta. Porém, se o outro cara fizer o mesmo – TAP-TAP-TAP –, você aproxima o pé do cubículo dele e repete as batidas. Se isso acontecer três ou quatro vezes, seus pés irão se tocar sob a divisória. *Aí então* está rolando.

Você se levanta e coloca o pau pelo *glory hole*. O outro cara pega, te deixa duro e te chupa. Depois que você goza, ele coloca o pau dele pelo buraco e você faz o mesmo.

É preciso ficar em silêncio ao longo de toda a transação (e, acredite, se trata de uma transação). Transeuntes podem entrar no banheiro inocentemente para fazer xixi a qualquer momento. Se isso acontecer, você congela, para evitar levantar suspeitas. E reza para não ser um policial.

Há um código de etiqueta. Depois de se chuparem, você fica no seu cubículo até que o outro cara saia, lave as mãos e vá embora. É o máximo de contato humano que não envolve absolutamente nenhum contato humano real.

Mas cavalo dado não se olha os dentes...

Naquela turnê, quando o Priest parava num desses postos para almoçar, eu já corria para o banheiro. Não sei se o resto da banda sabia das minhas intenções, talvez houvesse suspeitas. Eu nunca dizia nada; eles nunca perguntavam. Como bons companheiros, me davam espaço.

À noite é quando rola mais ação nesses lugares, e uma ou duas vezes eu tomei um táxi até um posto depois de um show do Priest. Enquanto os outros caras tomavam cerveja no *backstage* (ou pegavam alguma das muitas groupies), eu dava uma desculpa que iria voltar para o hotel... e saía pela noite.